

# OLÍMPICO

DIRETOR JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

TRIMESTRAL · DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CELEBRAÇÃO  
OLÍMPICA  
2017

CELEBR  
OLÍMPIC



CELEBRAÇÃO OLÍMPICA  
CONSAGRA

**FERNANDO PIMENTA  
E INÊS HENRIQUES**

JORGE MIGUEL, FÁTIMA MONGE DA SILVA, CARLOS GONÇALVES,  
ETSON BARROS E CRISTIANO RONALDO TAMBÉM DISTINGUIDOS



COMITÉ OLÍMPICO  
DE PORTUGAL



TOYOTA

SEMPRE  
UM MELHOR  
CAMINHO

**"MÃE,  
COM UM TOYOTA AYGO,  
LEVO EU A PIPOCA  
AO VETERINÁRIO."**



**QUERES UM CARRO?  
AJUDAMOS-TE  
A CONVENCER  
OS TEUS PAIS.**

[queroumcarro.Toyota.pt](http://queroumcarro.Toyota.pt)

**Damos-te uma dica: 85€ por mês  
é o melhor argumento.**

**AYGO** 85€  
X-PLAY + AC + X-TOUCH mês

Entrada: 5.000€. Prazo: 61 Meses  
Última mensalidade: 3.795,32€  
Montante Financiado: 7.598€

**TAEG: 7,105%**



AYGO 5p x-play + AC + x-touch. PVP: 14.130€. Preço exclusivo com desconto promocional de 1.500€, para financiamento através de crédito automóvel mediante aprovação do Toyota Kreditbank GMBH sucursal em Portugal: 12.598€. TAN: 4,262%, Comissão de abertura de dossier: 350€, Comissão de processamento mensal: 3€, Imposto de selo de abertura: 113,97€, MTIC: 9.539,49€. Campanha válida até 31/10/2017. Acresce pintura metalizada. Imagem não contratual.

Consumo combinado (l/100km): 4,1. Emissões de CO<sub>2</sub> (g/km): 95.

# OLIMPO

EDITORIAL

**O desporto não é mais o mesmo!**

5

NOTÍCIAS

6

OPINIÃO

**José Manuel Araújo,  
secretário-geral do COP**

10

EM FOCO



**Celebração Olímpica consagra  
os melhores de 2017**

12

ENTREVISTA



**Jorge Miguel,  
treinador de Inês Henriques**

18

GRANDES EVENTOS

**Jogos Olímpicos de Inverno  
Pyeongchang 2018**

24

ELITE

**Francisco Belo**

26

NO PÓDIO

**Ricardo Andorinho**

27

CLUBE OLÍMPICO

**Lisboa Ginásio Clube**

28

CONVERSA DE BALNEÁRIO



**Fernando Mamede**

30

OS MEUS JOGOS



**Susana Feitor**

32

FORA DE CAMPO

**Ana Celeste Carvalho**

33

**OLIMPO** PROPRIEDADE E EDIÇÃO Comité Olímpico de Portugal

REDAÇÃO Travessa da Memória, 36 · 1300-403 Lisboa · Tel.: 21 361 72 60 · Fax: 21 363 69 67

correio@comiteolimpicoportugal.pt · www.comiteolimpicoportugal.pt

DIRETOR José Manuel Constantino DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO Cecília Carmo, António Varela e Pedro Moreira

FOTOS COP, Lusa e ShootHappens DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA Estrelas de Papel / Atelier Gráficos à Lapa

IMPRESSÃO Rainho & Neves, Lda. – Rua do Souto, 8 | 4520-612 São João de Ver TIRAGEM 1 000 exemplares

PERIODICIDADE Trimestral NÚMERO DE REGISTO ERC 102 203 DEPÓSITO LEGAL 9083/95 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



# SAÚDE<sup>®</sup> PRIME

Saúde para todos

## Tenha a saúde de um campeão! **TENHA SAÚDE PRIME.**

No âmbito do projecto de responsabilidade social do Comité Olímpico de Portugal, a Saúde Prime garante Planos de Saúde a todos os atletas olímpicos.

A meta é promover a Saúde dos nossos atletas.

Para saber como usufruir desta oferta de saúde, contacte a linha de apoio: 707 308 283

NAIDE GOMES | Campeã do Mundo de Salto em Comprimento

JOSÉ MANUEL CONSTANTINO  
Presidente do Comité Olímpico de Portugal

# O desporto não é mais o mesmo!

QUEM ACOMPANHE o que se passa por esse mundo fora em matéria de desporto e de atividades afins não terá dificuldade em reconhecer que estamos perante um prática social que se está modificando e, em alguns casos, afastando-se de um modelo a que nos habituámos a reconhecer valor social e educativo.

É certo que o fenómeno não é recente e acompanhou o que ocorreu no mundo por força da globalização e dos fenómenos que lhe estão associados. Uma das consequências foi a modificação do sistema desportivo. O próprio conceito de desporto alargou-se, sendo hoje, para muitos, o equivalente a tudo o que mexe. Surgiram novos protagonistas, novas modalidades e novos contextos competitivos.

A coesão e unidade do sistema desportivo tornaram-se mais difíceis de atingir, e o modelo de organização tradicional (clubes, associações e federações) parece impotente para garantir a liderança do sistema. Em muitos casos, há que reconhecê-lo, foi ultrapassado por outros atores sociais.

As federações desportivas foram impelidas a transformarem-se em entidades “empresarializadas”, levadas a olhar o desporto como uma mercadoria, onde o elemento definidor do que se faz e como se faz é o dinheiro e o lucro. Começou a ser mais importante discutir resultados financeiros que projetos desportivos. E um sacrilégio entidades que prestam um serviço público terem uma forte dependência do financiamento público. Afinal o mesmo que ocorreu com a cultura desafiada a procurar “outras fontes de financiamento”.

Curiosamente, esta tendência é acompanhada por um avolumar de

escândalos que corroem a integridade do desporto, os seus valores essenciais e a reputação moral das suas organizações.

A transformação do desporto num novo segmento de atividade económica, a orientação do espetáculo desportivo submetido às leis do mercado, a invasão de projetos associados a capitais de risco ou a entrada de capital financeiro de origem problemática suscita um conjunto de fenómenos que são preocupantes.

O próprio conceito de desporto alargou-se, sendo hoje, para muitos, o equivalente a tudo o que mexe

A procura em encontrar uma resposta global e eficaz no plano legislativo aos desafios de carácter transnacional com que o desporto está hoje confrontado não obteve ainda resultados satisfatórios.

Tomar consciência dessa limitação é o primeiro passo para não desistirmos.

É mesmo disso que se trata: não desistir!

E continuar a trabalhar no sentido de defender um desporto que se referencie ao rendimento e ao espetáculo, mas também à educação e à socialização das crianças e dos jovens, à recreação e ao tempo livre, à integração de populações com necessidades especiais e que acrescente valor à comunidade.

E para concretizar esta missão não podemos abandonar conteúdos éticos e educativos. Dando justificação social para que olhemos para o desporto como um objeto cultural e instrumento formativo e didático, ao serviço de todos e da sociedade. ●



## PORTUGAL MEMBRO DO COMITÉ INTERNACIONAL DOS JOGOS DO MEDITERRÂNEO

Portugal foi aceite como membro de pleno direito no seio do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo (CIJM).

A Assembleia Geral do CIJM, reunida em Tarragona (Espanha), aprovou a entrada de Portugal, permitindo que possa desde já participar integralmente nos Jogos do Mediterrâneo a realizar no próximo ano naquela cidade espanhola, envolvendo cerca de 4000 atletas, em 31 modalidades, em representação de 26 países. O Comité Olímpico de Portugal (COP) esteve representado na Assembleia Geral pelo Presidente, José Manuel Constantino, pelo Secretário-

Geral, José Manuel Araújo, e pelo Diretor-Geral, João Paulo Almeida. “Acreditamos que a presença de Portugal favorecerá a expansão dos ideais e princípios do Olimpismo conforme são definidos na Carta Olímpica, bem como a disseminação da educação olímpica, fortalecendo vínculos amigáveis de paz entre os jovens e desportistas mediterrânicos”, afirmou José Manuel Constantino durante o seu discurso. Conclui-se assim um processo de mais de duas décadas em que o COP tentou esta integração. O papel do CIJM é o de promover o Desporto e o Olimpismo, e os ideais e os valores de que são portadores, nos países da bacia ou de influência mediterrânea.



## TRANSPARÊNCIA E INTEGRIDADE EM CONFERÊNCIA INTERNACIONAL NO ISCTE



“A Manipulação de Resultados Desportivos em Portugal: Logros, Desafios e Áreas de Risco” foi o título da conferência de lançamento oficial do projeto ‘Anti Match-Fixing Top Training’ (AMATT) em Portugal.

O evento, organizado pela associação portuguesa Transparência e Integridade, Associação Cívica (TIAC), representante em Portugal da Transparency International, com a qual o Comité Olímpico de Portugal (COP) tem um protocolo de colaboração no âmbito do estudo da corrupção e integridade no desporto, teve lugar no Auditório J.J. Laginha no ISCTE-IUL.

O Diretor-Geral do COP, João Paulo Almeida, apresentou o trabalho desenvolvido pelo COP neste domínio, e as principais ameaças e riscos em relação à integridade das competições e das organizações desportivas em Portugal, numa mesa redonda que contou com a participação de Paolo Bertaccini (Universidade Católica de Milão – gestor do projeto AMATT), Marcelo Moriconi (investigador do Centro de Estudos Internacionais-IUL), Luís Aguilar (jornalista desportivo e autor do livro “Aposta Suja”) e João Paulo Batalha (Presidente da TIAC).

## JOÃO NUNO GRAÇA É DIPLOMADO MEMOS COM PROJETO PARA CERTIFICAR CLUBES

João Nuno Graça, treinador de natação, recebeu na sede do Comité Olímpico de Portugal (COP) o diploma do Mestrado Executivo em Gestão das Organizações Desportivas (MEMOS), depois de ter concluído a dissertação com o título “A certificação como uma ferramenta para o desenvolvimento das organizações desportivas”, cujos resultados serão futuramente aplicados na Federação Portuguesa de Natação (FPN).

O treinador referiu que “a certificação de clubes surge no âmbito da missão e visão da FPN, consistindo num reconhecimento das iniciativas locais, convencionadas no tempo, estratificando os clubes por diferentes níveis consoante determinados requisitos, objetivos, condições, sempre de uma forma inclusiva e aplicada a todas as disciplinas, com o intuito de potenciar e melhorar a natação portuguesa a nível nacional”.

O diploma foi entregue pelo presidente do COP, José Manuel Constantino, na presença do presidente da FPN, António José Silva, e do diretor desportivo do COP, Paulo Cunha. O MEMOS é um mestrado apoiado pela Solidariedade Olímpica e conta com especialistas e académicos de reconhecido mérito em diversos domínios da gestão das organizações desportivas.

### ESTATUTO EDITORIAL

A OLIMPO é uma revista trimestral editada pelo Comité Olímpico de Portugal, que se orienta por critérios de rigor e respeito pela boa-fé dos leitores.

A OLIMPO é independente de qualquer influência, seja ela política, jurídica, económica ou religiosa.

A OLIMPO tem por objetivo a divulgação do Movimento Olímpico e do desporto português em geral, empenhando-se, segundo os estatutos do Comité Olímpico de Portugal, na promoção dos princípios e valores fundamentais do Olimpismo, e na valorização cívica e cultural da sociedade portuguesa.

A OLIMPO não faz distinção entre modalidades desportivas, disciplinas e atletas, comprometendo-se a amplificar a visibilidade dada a exemplos que se evidenciem no respeito pelos valores olímpicos: Excelência, Amizade e Respeito.

A OLIMPO entende que também faz parte das suas atribuições editoriais a publicação de matérias que possam tornar mais informada a sua audiência no combate à manipulação de resultados e na defesa da integridade no desporto.

## LUCIANA DINIZ NOMEADA ATLETA MODELO PARA BUENOS AIRES 2018

A cavaleira Luciana Diniz foi nomeada pelo Comité Olímpico Internacional (COI) atleta modelo para os Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ), que terão lugar em Buenos Aires, na Argentina, de 6 a 18 de outubro de 2018.

O COI defende que o envolvimento de Luciana Diniz nos JOJ terá um grande impacto na “missão de construção de um evento que educa, envolve e capacita os jovens de todo o Mundo a desempenhar um papel positivo e ativo nas suas comunidades.”

A justificar a nomeação da olímpica portuguesa, o COI invoca o “seu sucesso como atleta” e sublinha ainda as “suas experiências de vida” como “modelo inestimável para os jovens olímpicos que competirão em Buenos Aires.”



## ESPÓLIO DE PENHA GARCIA ENTREGUE AO COP

O Comité Olímpico de Portugal (COP) recebeu parte do espólio de José Capelo Franco Frazão – 1.º Conde de Penha Garcia, através do seu sobrinho-bisneto, Filipe Carmo Ferreira.

Importante figura do movimento desportivo nacional, que esteve na génese do Movimento Olímpico em Portugal, José Capelo Franco Frazão nasceu a 11 de janeiro de 1872, em Capinha, aldeia da Beira Baixa, no concelho do Fundão. Por decreto de 29 de Janeiro de 1900 do rei D. Carlos I de Portugal foi-lhe atribuído o título de 1.º Conde de Penha Garcia. De 1909 a 1912 foi o presidente da Sociedade Promotora de Educação Física Nacional, passando a exercer funções de membro do Comité Olímpico Internacional (COI) até janeiro de 1940, data em que resignou. Veio a falecer a 25 de abril de 1940.

Do espólio entregue ao COP fazem parte alguns livros, publicações, fotografias e correspondência recebida, onde se destaca uma carta do então presidente do COI, o Conde Henri de Baillet-Latour, sucessor de Pierre de Coubertin nessas funções entre 1925 e 1942.

## CAO RECONHECIDA UM EXEMPLO A NÍVEL EUROPEU

Susana Feitor, João Silva e Ricardo Bendito foram os elementos que representaram a Comissão de Atletas Olímpicos (CAO) no 9.º Fórum e 5.ª Assembleia dos Atletas Europeus. O principal objetivo do fórum foi proporcionar a troca de experiências e de informações para a fundação de comissões de atletas mais efetivas. A CAO foi reconhecida entre os presentes como um dos melhores exemplos a nível europeu pela organização e trabalho desenvolvido. Ao longo do evento foram apresentados também aos representantes das comissões de atletas alguns programas e ferramentas disponibilizados pelo Comité Olímpico Internacional, Solidariedade Olímpica e Comitês Olímpicos Europeus, para o apoio aos atletas e no combate ao doping e ao “match fixing”.

Foi ainda efetuado um ponto de situação sobre a organização dos 2.ºs Jogos Europeus, que decorrerão em Minsk, bem como os trabalhos do EOC EU Office. Paralelamente à realização do Fórum teve lugar a 9.ª Assembleia dos Atletas Europeus, durante a qual foi eleita a nova Comissão de Atletas dos Comitês Olímpicos Europeus.

## COP INTEGRA REDE PORTUGUESA DE ARQUIVOS

O Arquivo Histórico do Comité Olímpico de Portugal passou a integrar a Rede Portuguesa de Arquivos e as redes europeias: Portal Europeu de Arquivos e Europeia.

Com esta integração, o Arquivo Histórico do COP vê aumentada a visibilidade do seu património arquivístico e torna-o acessível não só ao cidadão português como também ao cidadão europeu.

A Rede Portuguesa de Arquivos agrega atualmente 29 arquivos de importantes instituições nacionais, entre as quais o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, arquivos distritais e municipais, universidades e agora também o Arquivo Histórico do COP. Recorde-se que este projeto decorre de uma candidatura bem-sucedida junto da Solidariedade Olímpica – Comité Olímpico Internacional (SO-COI) para o quadriénio 2013-2016 e de um protocolo estabelecido com o Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas para a coordenação e execução técnica do mesmo.

Relativamente ao espólio fotográfico, o mesmo só foi possível através de um financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian, através do projeto: “Olimpismo em Imagens. Um século de História do Desporto”.

## EQUIPA DA DIREÇÃO DE MEDICINA DESPORTIVA COMPLETA

Ana Bispo Ramires (psicologia) e Cláudia Minderico (nutrição) completaram a equipa da Direção de Medicina Desportiva do Comité Olímpico de Portugal (COP), juntando-se aos médicos José Gomes Pereira (diretor) e Jaime Milheiro.

A apresentação dos novos elementos aconteceu na sede do COP durante um reunião que juntou as equipas médicas e paramédicas das federações desportivas com atletas integrados nos programas de preparação olímpica, e na qual foi apresentado e discutido o modelo de intervenção e colaboração de apoio aos atletas na área da saúde. Gomes Pereira, Cláudia Minderico e Jaime Milheiro participaram, entretanto, em duas ações de formação sobre Nutrição, Suplementação e Hidratação em Desporto, promovidas pela Comissão de Atletas Olímpicos, em Lisboa e no Porto.



## RELATÓRIO DA AMA REVELA MAIS RESULTADOS POSITIVOS

O relatório anual da Agência Mundial Antidopagem (AMA), publicado em outubro, confirma uma tendência: o número de controlos diminuiu, mas os resultados positivos ou anormais aumentaram.

O documento resume os resultados de todas as amostras analisadas em laboratórios acreditados pela AMA durante 2016 e registados no sistema de gestão e administração antidopagem ADAMS.

Esta é a segunda vez que o relatório da AMA é publicado desde a entrada em vigor, em janeiro de 2015, do novo Código Mundial Antidopagem. Em resumo, eis as principais conclusões apresentadas pela AMA na entrada do relatório de 2016:

- diminuição de 0,9% no número total de amostras analisadas: 303.369 em 2015 e 300.565 em 2016;
- aumento na quantidade de testes com resultados considerados anormais – representaram 1,26% do número de controlos em 2015 (3.809 em 303.369 testes), tendo o valor subido para 1,60% em 2016 (4.822 em 300.565);
- cerca de 60% dos laboratórios acreditados pela AMA fez mais testes;
- o número de amostras de sangue analisadas (não relacionadas com o Passaporte Biológico do Atleta) está em ascensão, passando de 6,98% em 2015 (21.176 em 303.369) para 7,75% em 2016 (23.298 em 300.565);
- o número de amostras analisadas relacionadas com o Passaporte Biológico do Atleta subiu 13%: de 25.012 em 2015 para 28.173 in 2016.

## CEMA E COP PREPARAM TÓQUIO 2020

O Chefe de Estado-Maior da Armada, Almirante António Silva Ribeiro, recebeu o presidente do Comité Olímpico de Portugal (COP), José Manuel Constantino, num encontro que visou reforçar as relações existentes entre as duas instituições.

Estiveram também presentes o Contra-Almirante Henrique Lila Morgado, a vice-presidente do COP, Rosa Mota, e o diretor comercial e de marketing, Pedro Sequeira Ribeiro. Da agenda fizeram parte os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, nos quais o Navio Escola Sagres poderá vir a ser de novo a Casa de Portugal, à semelhança do que aconteceu no Rio de Janeiro 2016. Recentemente foi editado pelo Comité Olímpico de Portugal (COP) e pela Marinha Portuguesa o livro "NRP Sagres – Casa de Portugal nos Jogos Olímpicos Rio 2016, que dá conta da presença da Missão Portuguesa na grande competição realizada no Brasil.



## COP NA SESSÃO ANUAL DA ANOC E NA AG DOS COE

O presidente do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Constantino, e o secretário-geral, José Manuel Araújo, participaram na XXII Sessão Anual da Assembleia dos Comitês Olímpicos Nacionais (ANOC), realizada em Praga, nos dias 2 e 3 de novembro.

A sessão, com a participação recorde de 205 Comitês Olímpicos nacionais e mais de 1300 delegados, teve como temas principais as atividades do Comité Olímpico Internacional (COI), das associações continentais e dos comitês nacionais, além das apresentações das cidades que organizarão os próximos eventos olímpicos – Peiyongchang 2018, Buenos Aires 2018, Tóquio 2020, Pequim 2022, Paris 2024 e Los Angeles 2028.

Foi também apresentada a estrutura da ITA – Independent Testing Authority – considerado um instrumento decisivo, criado como resposta às dificuldades institucionais mais recentes no domínio do doping.

Os dirigentes do COP aproveitaram esta Sessão para, com os Comitês dos países de língua portuguesa, prosseguir os trabalhos de reforço da ACOLOP, na sequência da reunião realizada em Lisboa no final de agosto.

Ainda em novembro, o COP esteve representado, em Zagreb (Croácia), na Assembleia Geral dos Comitês Olímpicos Europeus, que elegeu para o período 2017/21 o novo presidente, Janez Kocijancic (Eslovénia), e o vice-presidente, Niels Nigaard (Dinamarca), e onde foram apresentados os 2.ºs Jogos Europeus, que terão lugar em Minsk (Bielorrússia).





## PROTOCOLO COM TOYOTA PREVÊ CEDÊNCIA DE VIATURAS ATÉ 2020

A Toyota Caetano Portugal e o Comité Olímpico de Portugal (COP) assinaram um protocolo que vai garantir, até 2020 – ano da realização dos Jogos Olímpicos, em Tóquio – uma parceria na área da mobilidade, que inclui a cedência de viaturas e serviços, contribuindo desta forma para melhorar as condições de preparação, desenvolvimento e de desempenho da atividade olímpica nacional. Na cerimónia de assinatura do protocolo, José Manuel Constantino, presidente do COP, sublinhou o carácter da ligação que a Toyota tem mantido com o desporto: “É muito antiga e foi uma ajuda muito importante, sobretudo para as pequenas coletividades, de modo a minorarem os custos nos transportes dos seus atletas.” Na altura foi igualmente recordada a figura de Salvador Caetano, “um grande homem”, nas palavras de José Manuel Constantino, e “um apoiante do desporto”. Esta parceria entre o COP e a Toyota abrange também as Federações Desportivas, os atletas e os treinadores integrados no Projeto Olímpico, bem como os atletas que participaram em anteriores edições dos Jogos Olímpicos.

## CURSO DE FORMAÇÃO INTERNACIONAL NA LITUÂNIA

O Comité Olímpico de Portugal fez-se representar por Rita Nunes e Joaquim Videira, do Departamento de Estudos e Projetos, no Curso de Formação Internacional “OLYMPISM FOR VALUES EDUCATION”, financiado no âmbito do Programa Erasmus+ Youth, que decorreu em Druskininkai, na Lituânia.

Também acompanhou os trabalhos, em que participaram representantes de nove países – Alemanha, Bulgária, Estónia, Itália, Letónia, Lituânia, Polónia, Portugal e Roménia – o professor José Amoroso, do Instituto Politécnico de Leiria.

Baseado no Olympic Values Education Programme, do Comité Olímpico Internacional (OVEP 2.0), com uma metodologia de educação não-formal, o Curso pretendeu capacitar, com diversas ferramentas, os professores e educadores que têm vindo a desenvolver atividades no âmbito da Educação Olímpica.

## MAIS INCENTIVOS FISCAIS AO MECENATO DESPORTIVO

O Governo passou a conferir aos donativos para o desporto o mesmo tratamento fiscal que já era dado aos da cultura, estando em linha como uma solicitação do Comité Olímpico de Portugal (COP), no sentido de haver um reforço dos incentivos fiscais às empresas que façam donativos a associações promotoras do desporto.

A intenção concretiza-se através de uma proposta de alteração ao Estatuto dos Benefícios Fiscais, onde se prevê que os mecenas que façam donativos ao COP e a associações promotoras do desporto possam deduzi-los ao seu IRC por 130% ou 140% do valor, à semelhança do que já acontece com a cultura.

Esta foi a segunda proposta que o Comité Olímpico de Portugal conseguiu ver satisfeita, depois de, na proposta de Orçamento de Estado para 2018, o Governo ter previsto que os treinadores também passem a beneficiar da isenção de IRS pelas bolsas de formação que recebem, tal como já acontece com os atletas.

## ELISABETE JACINTO E FILIPA CAVALLERI EM CONFERÊNCIAS SOBRE LIDERANÇA NO FEMININO

A conferência final do projeto SUCCESS, intitulada “Governança Desportiva e Mulheres na Liderança”, realizou-se em Bratislava, na Eslováquia, e teve a presença de Elisabete Jacinto, presidente da Comissão Mulheres e Desporto do Comité Olímpico de Portugal. Participaram os representantes dos Comités Olímpicos Nacionais e das Federações Nacionais de 13 Estados Membros da União Europeia.

A gestora de projetos Alma Papi apresentou os objetivos, atividades e resultados do projeto SUCCESS aos participantes, bem como as diretrizes para organizadores de programas de treino para líderes femininas em organizações desportivas.

O propósito dessas diretrizes é ajudar os líderes a desenvolver, implementar e manter um sistema de governança que suporte o equilíbrio de género em funções de gestão e liderança, para encorajá-los a trabalhar ativamente e para atrair um equilíbrio de género adequado em funções de liderança. Por seu lado, Filipa Cavalleri, membro da Comissão Mulheres e Desporto do COP representou Portugal no fórum sobre liderança no feminino promovido pelo Comité Olímpico Internacional, na Lituânia.





**JOSÉ MANUEL ARAÚJO**  
Secretário-geral  
do Comité Olímpico  
de Portugal

## Passo a passo fazemos o futuro do desporto que nos une

Em abril de 2013 iniciou-se um novo ciclo no Comité Olímpico de Portugal, projetando a instituição para além das missões olímpicas, motivada pelo desígnio da valorização social do desporto, por forma a corrigir assimetrias que dificultam que esta área se coloque ao nível dos restantes domínios sociais.

Mais que fazer qualquer balanço, que seria necessariamente parcial da parte do autor, procura-se neste texto partilhar o que se espera no futuro do desporto em Portugal, em especial focado no alto rendimento, fonte principal das missões olímpicas.

Em primeiro lugar, uma nova Administração Pública Desportiva. Entendendo como um erro a fusão entre as áreas do desporto e da juventude, impõe-se uma estrutura mais ágil, capaz de exercer uma gestão eficaz de equipamentos desportivos públicos e de apoios públicos ao movimento associativo, terminando com um conjunto de estruturas paralelas, de maior ou menor dimensão, que apenas servem para uma proliferação de cargos e perdas de sinergias.

A inovação tecnológica já chegou à Administração Pública portuguesa, tendo também de chegar à desportiva, gerando maior eficiência nos mecanismos de comunicação e, conseqüentemente, maior facilidade na tomada de decisão. A dimensão do País facilita a produção de conhecimento sobre a realidade desportiva e a existência de uma estrutura única dedicada ao desporto terá muitos efeitos positivos. Aguardamos por este passo em frente na defesa de um desporto com vida própria.

Por outro lado, a estrutura do movimento associativo tem também de se adaptar aos novos tempos: a mera lógica da dependência de recursos públicos é reconhecida como negativa, mas pouco se faz para racionalizar meios e otimizar recursos, precisamente de origem maioritariamente pública.

O que pode passar pela reconstrução do movimento associativo aproveitando, como acima se referiu, as potencialidades tecnológicas atuais. Cada modalidade saberá bem como responder a este desafio interno.

A gestão desportiva associativa deve ser orientada para duas áreas distintas: o potenciar a estrutura associativa de modalidade, a prática do desporto escolhido, aumentando a quantidade, criando assim condições e oportunidades para a obtenção, a médio prazo, de mais qualidade. Por outro lado, investir os melhores recursos técnicos às mesmas, dando assim o salto qualitativo que se impõe. Mais um passo e chegamos lá.

Tudo o que antes foi referido tem muitas vezes sido desejado e praticamente contestado, mas quase sempre se encontra na legislação desportiva o obstáculo ou o desincentivo. Sob esse ponto de vista, é desejável que o futuro nos traga poderes políticos focados em legislação zero ou de nível muito reduzido neste domínio específico.

Um poder político mais focado na qualidade dos mecanismos de regulação entrará em contradição com o clima de poluição legislativa existente no desporto, sendo por isso importante seguir boas práticas, como a avaliação de impacto da legislação, reforçando a ideia que legislar não é um fim em si mesmo, mas um meio para alcançar objetivos de política desportiva.

Sendo a legislação um instrumento do Estado para regular e fiscalizar uma atividade social, no desporto tem sido mais usada para definir critérios de apoio, o que, de facto, deveria ser o menos relevante. Deve por isso ser evitada a febre legiferante, em especial no 3º domínio, evitando enredar os gestores na mesma, deixando-lhes muito pouco tempo para o objetivo principal, o desenvolvimento da modalidade.

Legislar bem, ou seja, no desporto necessariamente menos, terá sempre o efeito prático de reduzir a burocracia, que ocupa em excesso as administrações pública e associativa. Mais um passo que todos desejamos.

Ao nível da gestão política, os apoios têm sido, por necessários, usados para condicionar as decisões de quem tem utilidade pública desportiva ou mera utilidade pública. É esta situação que deve ser evitada, dando um passo para a liberdade.

Quanto às infraestruturas, é consensual que o poder central e local se articulam com dificuldade, gerando constrangimentos e barreiras para concretizar espaços de treino de qualidade. Os centros de alto rendimento deveriam ser reduzidos a um número mínimo, assumindo todas as valências que qualquer centro internacional tem: escola, apoio médico e de fisioterapia, nutricionistas, para citar os básicos.

Aos que temos, chamemos-lhe simplesmente Centros de Treino, abandonando o gosto pelos nomes e indo ao essencial. E que essa gestão seja entregue aos proprietários, com as condições razoáveis para fazer sobreviver espaços que tantas dificuldades têm tido em se impor. Um passo enorme para o alto rendimento.

Passo a passo, o desporto pode avançar. Quem hoje pensa que temos os problemas de há 20 anos e os gere da mesma forma pode estar certo que daqui a 20 anos nenhuma decisão será tomada com base nas premissas de hoje.

O País precisa de um desporto em quantidade, que já se sente, embora desmentido por estatísticas pouco fiáveis. A luta contra o sedentarismo é, atualmente, a maior preocupação que o movimento associativo deve ter, sendo urgentes passos para atrair os jovens para tudo o que o desporto dá. E é muito.

Essa quantidade traz necessariamente qualidade que, aproveitada com base nas propostas de melhoria aqui referidas, empurrar-nos-á a todos para os passos que faltam. E assim olhamos o futuro que nos une com mais confiança. ●



**A luta contra o sedentarismo é, atualmente, a maior preocupação que o movimento associativo deve ter, sendo urgentes passos para atrair os jovens para tudo o que o desporto dá. E é muito**



**Os Prémios e Galardões 2017, atribuídos pelo Comité Olímpico de Portugal, distinguiram Jorge Miguel, Inês Henriques, Fernando Pimenta, Fátima Monge da Silva, Carlos Gonçalves, Eton Barros e Cristiano Ronaldo**

# CELEBRAÇÃO OLÍMPICA DISTINGUE EXCELÊNCIA

O COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL (COP) atribuiu, durante a Celebração Olímpica realizada em Lisboa, no início de novembro, os Prémios e Galardões 2017 a Jorge Miguel (Ordem Olímpica Nacional), Inês Henriques e Fernando Pimenta (Medalha de Excelência Desportiva), Fátima Monge da Silva (Medalha de Mérito), Carlos Gonçalves (Prémio Ética Desportiva), Eton Barros (Prémio Juventude) e Cristiano Ronaldo (Prémio Prestígio COP).

O presidente do COP, José Manuel Constantino, destacou na ocasião o papel desempenhado pelos agentes desportivos, que têm dado “um contributo tantas vezes reconhecido no discurso, mas omissos e morosos na sua tradução em medidas que galvanizem e qualifiquem o labor de atletas, de técnicos, de dirigentes, de voluntários, de árbitros, de juizes e demais agentes que, enquadrados pelas organizações desportivas, de clubes a federações, erigiram do livre associativismo o desporto que hoje celebramos.”

José Manuel Constantino sublinhou ainda no seu discurso que “para unir” o universo do desporto português “é preciso reconhecer. Reconhecer e corrigir as debilidades para consolidar a firmeza no nosso propósito de ir mais alto, mais rápido e mais forte. No espaço de competição e fora dele. Nas organizações desportivas, mas também naquelas com atribuições e competências no desenvolvimento do desporto e do Olimpismo.”

O presidente do COP deixou um desafio para o futuro, aludindo aos resultados conseguidos pelos consagrados na Celebração Olímpica: “Estou seguro que, inspirados no seu exemplo, seremos capazes de abraçar com sucesso os propósitos que assumimos neste novo ciclo olímpico.”

Presente na Celebração Olímpica, o Ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, invocou os valores olímpicos, Excelência, Amizade e Respeito, para sublinhar que “a presença nos Jogos Olímpicos é muito ambiciosa e profissional”, lembrando igualmente que o apoio público às Missões Portuguesas está contratualizado para três ciclos olímpicos.

“Trabalhamos juntos para conseguir condições para os nossos atletas”, disse Tiago Brandão Rodrigues. “Todos somos precisos neste esforço. Portugal conta com cada um de vós.”

O presidente da Comissão de Atletas Olímpicos, João Rodrigues, que participou em sete Jogos Olímpicos, deixou igualmente um desafio: “Que possamos trabalhar todos em conjunto, agora e no futuro, em prol do desporto.”



## **ORDEM OLÍMPICA NACIONAL** **JORGE MIGUEL** SEMPRE FOCADO NO TRABALHO DOS ATLETAS

Jorge Miguel, 69 anos, recebeu a Ordem Olímpica Nacional. O treinador de Inês Henriques concluiu o curso em 1980 e teve um papel determinante no desenvolvimento da marcha atlética em Portugal, sendo responsável pelo aparecimento da disciplina no Clube de Natação de Rio Maior, onde formou atletas de dimensão internacional como Susana Feitor, João Vieira, Sérgio Vieira ou Vera Santos, entre muitos outros, com resultados de excelência a nível internacional, nomeadamente a medalha de ouro nos 50 km de marcha, no Campeonato do Mundo de Atletismo, em Londres 2017. Reconhecendo o prestígio granjeado internacionalmente por Jorge Miguel, a Associação Europeia de Atletismo distinguiu-o com o prémio “Treinador de Excelência”.

Jorge Miguel reagiu com espanto à distinção do COP: “Não sei o que lhe diga, porque é algo que eu nunca pensei algum dia receber. Foi uma surpresa completa. Só amanhã vou ter a certeza se isto é verdade ou se estava a sonhar.”

O treinador da campeã mundial Inês Henriques não sente que a Ordem Olímpica Nacional lhe dê maiores responsabilidades. E explica porquê: “Eu trabalho por objetivos. Digamos que com estas coisas que nos dão ficamos gratos, mas no meu caso não é isso que me traz cá. O que me traz cá é trabalhar com os atletas para que eles consigam os melhores resultados possíveis. O resto vem por acréscimo.”

A Ordem Olímpica Nacional destina-se a distinguir personalidades, de elevado nível e público reconhecimento, por relevantes serviços prestados ao Movimento Olímpico, tendo por referência os seguintes critérios: a) ter obtido, ao longo da sua carreira, resultados excepcionais a nível internacional; b) ter participado, de modo relevante, na direção, organização e promoção do desporto, a nível nacional ou internacional, tendo granjeado respeito e admiração na comunidade; c) ter atuado, de forma altruísta e extraordinária, em benefício do desporto português.



## **PRÉMIO PRESTÍGIO COP** **CRISTIANO RONALDO** E O SEGREDO DE ACREDITAR

O COP decidiu atribuir o Prémio Prestígio a Cristiano Ronaldo, capitão da Seleção Nacional de futebol, que ao longo da sua carreira desportiva tem conquistado os mais importantes prémios individuais e coletivos na sua modalidade, prestando um inestimável contributo para a projeção internacional do país e do desporto português. Aos 32 anos, Cristiano Ronaldo acumulou no seu currículo, entre muitos outros, os seguintes títulos: campeão da Europa por Portugal, em 2016; vencedor da Liga dos Campeões em 2007/08 (Manchester United), 2013/14, 2015/16 e 2016/17 (Real Madrid); vencedor do Mundial de Clubes em 2008 (Manchester United), 2014 e 2016 (Real Madrid); vencedor da Supertaça Europeia em 2014 e 2017 (Real Madrid); melhor jogador do Mundo eleito pela FIFA em 2008, 2013, 2014, 2016 e 2017. Foi também campeão nacional de Inglaterra, com o Manchester United, e de Espanha, com o Real Madrid, e melhor marcador europeu, distinguido com a Bota de Ouro. No início deste trajeto de sucesso, Cristiano Ronaldo integrou a missão portuguesa aos Jogos Olímpicos de Atenas 2004.

O capitão da Seleção Nacional de futebol foi representado na Celebração Olímpica por Miguel Paixão e enviou uma mensagem inspiradora a todos os atletas: “Acreditem, porque tudo é possível. Os portugueses são pequenos em termos geográficos, mas enormes em talento.”

## MEDALHA DE EXCELÊNCIA DESPORTIVA

### FERNANDO PIMENTA E INÊS HENRIQUES

#### NO LUGAR MAIS ALTO DO PÓDIO

A Medalha de Excelência Desportiva foi atribuída a Inês Henriques e a Fernando Pimenta. A atleta do Clube de Natação de Rio Maior, de 37 anos, alcançou em 2017 a medalha de ouro nos 50 km de marcha atlética, no Campeonato do Mundo de Atletismo, em Londres, e fixou um novo recorde mundial da distância, em 4:05.56 horas, melhorando a marca que ela própria tinha feito (4:08.25 horas), a 15 de janeiro de 2017, em Porto de Mós.

“É um orgulho enorme e é a recompensa de todos os anos de muito trabalho, em que muitas vezes não vimos a possibilidade de algo tão grandioso acontecer. Aconteceu e é a recompensa de 25 anos de trabalho”, declarou Inês Henriques, quando recebeu a distinção do COP. “Ao conquistar um título de campeã do Mundo, com recorde do Mundo, tive uma visibilidade de que não estava à espera. Eu só pensei no objetivo que tinha para fazer e nunca pensei no resto. Quando cheguei a Portugal, não estava nada à espera da recepção que tive, de todo o impacto em termos de comunicação social. É óbvio que isso nos dá responsabilidade, mas também nos dá mais energia para continuarmos e alcançarmos algo mais grandioso. Como objetivo, eu quero ir aos Jogos Olímpicos de 2020, em Tóquio, e quero tentar que as mulheres tenham os 50 km para lutar por uma medalha.”

Aos 28 anos, Fernando Pimenta, canoísta do Clube Náutico de Ponte de Lima obteve classificações de grande destaque internacional ao longo de 2017: foi medalha de ouro, em K1 1000m no Campeonato da Europa, em Plovdiv, Bulgária; medalha de ouro, em K1 5000m e medalha de prata, em K1 1000m no Campeonato do Mundo em Racice, República Checa; e medalha de prata, K1 5000m, de novo no Campeonato da Europa, em Plovdiv. Na Taça do Mundo, conquistou mais quatro medalhas:



uma de ouro, em K1 1000m, em Montemor-o-Velho; e três de prata em K1 500m e K1 5000m, igualmente em Montemor-o-Velho, e em K1 1000m, em Szeged, na Hungria.

“Para mim, é um prémio com muito valor. É o terceiro ano consecutivo, é um enorme empurrão, um grande ‘boost’ para a época que se avizinha, mais uma época longa e dura”, sublinhou Fernando Pimenta. “No ano passado foi um prémio que me motivou muito no período pós-Jogos Olímpicos. Espero continuar a trabalhar e a conseguir excelentes resultados. Que estes galardões continuem a ser atribuídos, se não for ao Fernando Pimenta, que seja a outros atletas com excelentes resultados. Neste caso fui eu, que tive uma época muito positiva, com oito medalhas internacionais. Podiam estar aqui outros atletas, neste momento sou eu a dar a cara por todos e pela estrutura que nos envolve, as federações, os treinadores, os clubes, os patrocinadores, a família, o Comité Olímpico. Espero que continuem todos unidos, a dar mais e melhor, para que nós também demos mais e melhor.”

A Medalha de Excelência Desportiva distingue o melhor atleta masculino e a melhor atleta feminina do ano, sendo concedida a atletas: a) medalhados olímpicos; b) campeões do Mundo ou da Europa, absolutos ou equivalente, reconhecidos pela respetiva federação internacional; c) que tenham atingido nível de excelência no âmbito competitivo em provas reconhecidas pela respetiva Federação Internacional.



## PRÉMIO JUVENTUDE

### ETSON BARROS EXCELENTE NO FOJE

Etsón Barros, 18 anos, foi Medalha de Ouro nos 2000m obstáculos do Festival Olímpico da Juventude Europeia, em Győr 2017, na Hungria, frequentando, com aproveitamento, o ensino secundário. O atleta do Clube Oriental de Pechão, no Algarve, foi distinguido pelo COP com o Prémio Juventude, o que o deixou muito satisfeito: “Tem um significado muito importante e agradeço muito por tê-lo recebido.”

O Prémio Juventude destina-se a distinguir o atleta nacional, de escalões jovens, que mais se tenha evidenciado no ano anterior pela obtenção de resultados de excelência em competições internacionais ao mais alto nível desportivo, com um percurso escolar de mérito.



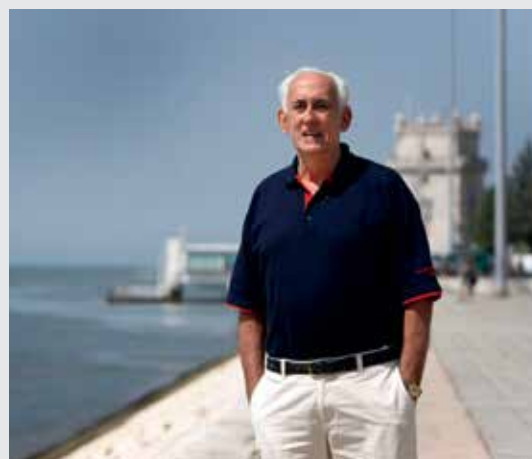
## MEDALHA DE MÉRITO FÁTIMA MONGE DA SILVA COM MUITO AMOR AO DESPORTO

O COP atribuiu a Medalha de Mérito a Fátima Monge da Silva, precursora do desenvolvimento do andebol feminino em Portugal, que conquistou inúmeros títulos em alguns dos principais clubes da modalidade. Profissional de Educação Física, treinadora e selecionadora nacional de Andebol (1978-1989), Fátima Monge da Silva, de 68 anos, teve um papel incontornável na valorização e desenvolvimento do desporto feminino reconhecido em diversos prémios de carreira, bem como na promoção do desporto na comunidade escolar através do Programa de Apoio à Educação Física no 1.º Ciclo Ensino Básico, da Câmara Municipal de Lisboa.

“Estou muito honrada e muito feliz por receber este prémio”, referiu Fátima Monge da Silva, que tem sido protagonista em várias áreas. “Durante toda a minha vida, dediquei muito tempo ao desporto, primeiro como praticante, depois com professora e treinadora. Para além dos títulos que ajudei a conquistar, procurei estar sempre motivada para motivar todos os meus alunos e alunas, e tive sempre como principal linha de orientação o gosto pelo trabalho, na procura da constante superação, respeitando os nossos opositores, a ética, e todos os valores que o desporto transporta ou deveria transportar.”

Um imprevisto acabou por provocar uma rutura no percurso de Fátima Monge da Silva no desporto. “Infelizmente, por razões de saúde, tive de abandonar aquilo que mais gostava, a atividade de treinadora, que mantive ao longo de 37 anos, o que ainda me dói muito. Quero agradecer ao Comité Olímpico pelo reconhecimento de algo que fiz com muito amor e dedicação. Quero também dedicar este prémio a todos os que integraram as minhas equipas: atletas, médicos, dirigentes, fisioterapeutas e, sobretudo, à minha família.”

A Medalha de Mérito destina-se a galardoar desportistas que tenham prestado serviços relevantes ao Desporto Nacional ou ao Olimpismo.



## PRÉMIO ÉTICA DESPORTIVA CARLOS GONÇALVES EM NOME DO ESPÍRITO DESPORTIVO

O Prémio Ética Desportiva do COP foi para Carlos Gonçalves, licenciado em Educação Física (1966) e Doutor em Ciências de Educação (1998). O percurso de Carlos Gonçalves, de profissional de Educação Física, iniciado em 1967, é marcado por uma profunda ligação ao estudo e promoção dos temas da ética e do fair-play, nomeadamente no seio do Movimento Europeu de Fair-Play, que serviu desde 1994 a 2012 como Vice-Presidente e Presidente, e na Fundação Internacional de Educação Olímpica e Desportiva. Do reconhecimento do trabalho desenvolvido neste domínio figuram, entre muitas outras, as seguintes distinções: Cruz de Oficial da República da Lituânia Medalha de Mérito do Comité Olímpico da Rússia (2004); Prémio Internacional de Fair Play “Desporto e Solidariedade”, do International Fair Play Mecenate (2005); Medalha de Ouro e Prémio Nacional de Fair Play do Comité Olímpico da Polónia (2011 e 2012); Prémio Mundial de Fair Play Willi Daume – 2012, categoria “Promoção dos valores do Espírito Desportivo – outorgado pelo Comité Internacional de Fair Play e pela UNESCO.

O Prémio Ética Desportiva destina-se a galardoar ações relevantes em prol dos princípios e valores da ética no desporto, suscetíveis de constituir exemplos virtuosos e pedagógicos, e pode ser atribuído a atletas, dirigentes, treinadores e outros agentes desportivos ou profissões relacionadas com o desporto.



SUD Lisboa recebeu a celebração olímpica







Isaura Morais, Inês Henriques e Jorge Miguel



Nuno Galhardo Leitão e Rosa Mota



Ana Celeste Carvalho e Susana Feitor



Atletas olímpicos em momento de confraternização



Paulo Cunha, Victor Mota, António Aleixo e Fernando Mota



Vasco Costa, Miguel Franco de Sousa e João Coutinho



Miranda Calha, Nobre Ferreira e Vicente Moura



José Araújo, Manuel Fernandes, Ricardo Tavares e Sidónio Fernandes



Vitor Pataco e Artur Lopes



Luís Sardinha e Teodomiro Carvalho



Treina Inês Henriques, campeã mundial dos 50 km marcha, há 25 anos, porque os compromissos são para a vida. Distinguido pelo Comité Olímpico de Portugal com a Ordem Olímpica Nacional, aos 69 anos, continua a ter o mesmo objetivo de sempre: melhorar os resultados dos seus atletas



# JORGE MIGUEL

## “SINTO-ME REALIZADO NAQUILO QUE FAÇO E NÃO NAQUILO QUE TENHO”

### **A medalha de ouro conquistada pela Inês Henriques nos 50 km marca do Mundial de Londres foi para si como que atingir o cume do Everest?**

Foi uma oportunidade. Eu tinha e tenho consciência que a Inês Henriques é uma atleta excelente, tem uma carreira muito boa a nível dos 20 km, com várias boas prestações em Jogos Olímpicos, campeonatos do Mundo. Pertence ao top ten mundial. Mas também tinha consciência que ela dificilmente ganharia uma medalha numa prova de 20 km. Os nossos objetivos, normalmente, para uns Jogos Olímpicos ou campeonato do Mundo, são um 8.º lugar, 10.º lugar, que é aquilo que eu penso que é o valor da Inês. Quando soube que a IAAF ia dar a possibilidade das mulheres fazerem os 50 km marcha, pensei: “Esta é a oportunidade da Inês”, porque, sabendo eu que ela trabalha com uma regularidade impressionante ao longo destes anos todos em que está comigo, tinha consciência que ela possuía uma capacidade para os 50 km que não tem para os 20 km. Considero que a Inês nos 50m km é seguramente uma das melhores atletas do Mundo e a sua vitória não me surpreendeu.

### **Para si foi também atingir um patamar único?**

Eu sentia aquilo mais como algo inteiramente justo para a Inês. Eu, embora a um nível júnior, já tinha tido a Susana Feitor como campeã do Mundo. Ela já tinha ganho medalhas em grandes competições internacionais, nomeadamente em campeonatos do Mundo, tendo sido medalha de bronze em 2005. Portanto, já tinha momentos altos, mas esta situação levou-me a pensar que havia ali uma grande dose de justiça para uma atleta que, sem nunca ter sido a primeira, mesmo em termos nacionais, fez o seu percurso com grande dedicação e atingiu um alto nível, mas não o nível dos medalhados, e ao ter nesse dia a oportunidade achei que se fez uma grande justiça. Foi pela Inês que eu me senti muito feliz.

### **Treina a Inês Henriques desde que ela tinha 12 anos, hoje tem 37. Como é que uma relação treinador-atleta resiste 25 anos?**

Olhe, eu tenho uma característica que é quando me proponho fazer qualquer coisa não é para um momento ou para um ano. Repare, eu estou a trabalhar na Câmara de Rio Maior há 31 anos. Iniciei naturalmente, com o apoio da Autarquia, mas por iniciativa minha, um torneio inter-freguesias que já vai em 30 edições; organizamos uma estafeta entre Alcanena e Rio Maior que já vai fazer 32 anos; o Grande Prémio de Marcha já vai na sua 26.ª edição. Portanto, quando me ponho nas coisas é para lhe dar sempre continuidade. Aliás, na minha própria vida, ainda no domingo passado comemorei com a minha mulher 45 anos de casados. Quando alguém me convida para algo que é uma festa por um dia digo logo que não. Algo em que nós nos empenhamos é para sempre. Poderá perguntar-me: treinou só a Inês? Não, eu estive com a Susana >

# “SUSANA FEITOR TRABALHAVA MUITO SÓ QUE MUITAS VEZES COMEÇAVA A ÉPOCA TARDE”



Feitor 22 anos; estive com o João Vieira 18 anos; com o Sérgio Vieira à volta de 20; com a Vera 14; e todas as situações que aconteceram de eles deixarem de treinar no meu grupo de trabalho foi por que não foi possível mais tempo, chegou a uma altura em que não dava. A Inês, como qualquer pessoa e eu próprio, tem as suas coisas boas e más, mas tem algo que a define de modo diferente dos atletas de alta competição: é de uma lealdade enorme. E quando existe essa lealdade, que também existe do meu lado, começa-se e acaba-se sempre com o mesmo atleta e o mesmo treinador.

## Que características são fundamentais para um treinador ser bem sucedido?

Primeiro gostar muito daquilo que faz. Eu, quando tinha outras atividades – nomeadamente, fui padeiro, fui vendedor de rações para animais -, estava deseioso de acabar o meu dia de trabalho para depois ir treinar com os atletas. Fiz atletismo ao longo de 25 anos, nunca fui um grande atleta, fazia o que podia, mas ao mesmo tempo, durante 10 anos, corria e orientava jovens que se juntavam a mim. Mais tarde, concluí que estava na altura de me dedicar a ser só treinador, para que os jovens pudessem evoluir mais. Portanto, adoro aquilo que faço e ainda hoje sou capaz de vir de uma vitória como esta da Inês e no dia seguinte estar a trabalhar com os jovens, o que me dá um prazer enorme.

## E num atleta, o que é preciso para ter resultados?

Há atletas que, por razões genéticas, da própria natureza, foram dotados de condições excecionais, basta-lhes pouco para atingirem resultados de excelência. Normalmente, isso não acontece em esforços de longa duração, como são as provas de marcha ou as maratonas. Estas

requerem uma dedicação muito grande, ao longo de muitos anos. Já o prof. Moniz Pereira dizia que para ter um fundista precisaria no mínimo de dez anos de trabalho para atingir o seu ponto máximo. E quando os atletas são, como é o caso da Inês Henriques, de uma dedicação extrema e acreditam no projeto, nós treinadores somos um pouco como o arquiteto que projeta uma obra e depois o atleta vai tentar executá-la, vai dar o material para que essa obra seja realidade. É importante e fundamental que o atleta acredite nesse projeto do treinador e tente cumpri-lo na medida do possível. No caso da Inês Henriques, ela cumpre tudo, a não ser que se lesione ou fique doente.

## Que fatores, para além da sua vontade, considera terem sido nucleares para chegar onde chegou?

Houve pessoas que me ajudaram, a começar pela minha família, sabendo que o marido e o pai praticamente todos os fins-de-semana estaria no atletismo. Não só não me contrariaram, como se juntaram a mim. Os meus filhos foram atletas e ainda hoje estão ligados ao atletismo, de tal forma que ambos trabalham comigo no clube - a Susana numa escola de formação, o Paulo treinando atletas meio fundo e fundo - e a minha mulher foi para as competições ajudando-me naquilo que era necessário. Depois, tive a sorte de, em 1986, ter ido para a Câmara. O dr. Silvino Sequeira conhecia-me desde a minha juventude e sabia da minha paixão e do meu entusiasmo pelo atletismo, e convidou-me para trabalhar na divulgação e dinamização. Há 31 anos, é só o que faço, a Câmara Municipal de Rio Maior deu-me essa possibilidade. Naturalmente que há um clube, o Clube de Natação de Rio Maior, do qual eu tenho sido coordenador do atletismo. Depois houve todo este complexo desportivo, que foi melhorando as condições. E há a possibilidade de estar aqui a falar consigo, porque isto é trabalho, também faz parte da dinamização do atletismo.

## A Associação Europeia de Atletismo distinguiu-o como Treinador de Excelência, a Câmara Municipal de Rio Maior homenageou-o, o Comité Olímpico de Portugal atribuiu-lhe a Ordem Olímpica Nacional. A sua vida mudou subitamente no verão passado?

Não, não, aquilo que realmente me motiva é alcançar resultados. Quaisquer resultados. Se eu estiver a treinar um jovem que é limitado mas sinto que ele está a evoluir, sinto um prazer tão grande como quando um atleta é claramente superior e atinge um nível mais alto. O que me dá gozo é elaborar um plano e ele resultar na melhoria da qualidade e dos resultados dos atletas. Do que me está a falar é de pessoas ou entidades que reconheceram em mim algum mérito e fico grato por isso, mas não é nem de perto nem de longe o que me motiva. Até digo mais: quando vou a essas cerimónias sinto-me até um pouco envergonhado, acanhado, com vontade de sair dali o mais depressa possível. Não tem nada a ver com a minha forma de ser, sou uma pessoa humilde, sempre fui, e é assim que quero continuar a ser.

## Em algumas declarações públicas que já fez distinguiu os atletas de talento dos atletas com carreira suportada pela perseverança, identificando a Susana

### **Feitor e a Inês Henriques. Como é que convive com os dois tipos de atletas?**

É muito mais fácil trabalhar com atletas como a Inês Henriques, que à partida não demonstram um grande talento. Recordo uma conversa que tive com o presidente da Federação Portuguesa de Atletismo, o meu amigo Jorge Vieira, que me dizia: “Jorge Miguel, mas o que a Inês tem também é muito talento.” OK, poderemos dizer que também é talento, agora, aquilo que nós aprendemos nos cursos e nas ações de formação é a deteção de talentos, ou seja, vai-se à procura de um jovem que é rápido, que é possante, que tem características natas, o que se chama o grande talento. O querer e a força de vontade não se veem aí. Por isso eu disse que se houvesse uma deteção de talentos e a Inês Henriques lá fosse chumbaria, porque não tinha as condições de ser forte, possante, tem as características que essa deteção de talentos não vai detetar. Com a Susana Feitor é totalmente diferente. É alguém que nos aparece e surpreende, ultrapassando tudo aquilo que nós imaginámos. Vou dar-lhe um exemplo: imagine que faço um teste na terça ou quarta-feira para uma competição que vai decorrer no sábado ou no domingo. Se eu fizer esse teste com a Inês ou a maioria dos atletas, chegam à prova e rendem mais ou menos aquilo que eu estou à espera. Nem sempre conseguem na competição aquilo que estão a conseguir no treino. Com a Susana Feitor era algo surpreendente. Eu fazia um teste para uma prova de 3.000m marcha, quando ela era iniciada ou juvenil, e eu dizia: “OK, vais fazer 14 minutos.” E ela chegava lá e fazia 13. Eu ficava assim: “Como é que é possível? Como é que ela pode fazer?” Recordo-me de uma vez estarmos aqui no Grande Prémio de Rio Maior, com o prof. Fernando Mota a assistir, e a Susana começou num ritmo muito elevado para aquilo que ela treinava. Eu gritava: “Não, Susana, mais devagar, mais devagar!” E disse-me: “Jorge Miguel, deixe a miúda ir à vontade.” E eu: “Oh, professor, mas ela vai rebentar.” Ele: “Logo se vê.” E ela não rebentou, bateu o recorde nacional, e depois bateu o recorde da Europa. Eu ficava estupefacto com a maneira como ela se superava. Essas situações não são possíveis com a Inês Henriques, percebe?! Isso é o que eu considero o talento. Agora essas pessoas têm o reverso da medalha: muitas vezes convencem-se que não precisam de trabalhar assim tanto e temos problemas. Muitas vezes, o atleta com talento perde a noção do trabalho que é preciso realizar. A Susana trabalhava muito, era insuperável, só que muitas vezes começava muito tarde, quando a época ia a meio.

### **Pode considerar-se que Portugal tem uma escola de marcha?**

Em Rio Maior, tem. Neste momento, no Pechão, na zona de Olhão, também tem. No passado, na zona de

Alfena teve, com o José Magalhães. Eu digo no Algarve, com o Paulo Murta. São os três locais que eu considero que foram verdadeiras escolas de marcha. Depois houve um ou outro núcleo, como o Montijo, há alguns anos, mas que são esporádicos. Há situações que eu admiro muito, como as Galinheiras, com o José Henrique, mas não passa de trabalho com os jovens. Há outros treinadores que não são limitados, mas não têm vontade ou paciência, ou não tiveram como eu tive uma câmara municipal a apoiá-los. Neste momento, há duas grandes escolas de marcha, em



**“Se houvesse uma deteção de talentos e a Inês Henriques lá fosse chumbaria, porque não tinha as condições de ser forte, possante, tem as características que essa deteção de talentos não vai detetar. (...) O querer e a força de vontade não se veem aí”**

Portugal, que são a do Pechão, Olhão, com o Paulo Murta, e outra em Rio Maior, com o Jorge Miguel. Mas há muito mais gente a trabalhar na marcha.

### **Temos muitos valores a despontar?**

Valores a despontar há muitos, mas a maioria fica pelo caminho.

### **Porquê?**

Por muitas razões. Se eu lhe disser que hoje, se houver jovens com jeito para a marcha no Centro de Alto Rendimento, em Lisboa, não têm grandes hipóteses de evoluir, porque não há lá nenhum técnico que dê marcha. Isto é um exemplo. Depois há outras situações. Por exemplo, o Luís Dias, que treina o Pedro Isidro, é um homem ligado à marcha, mas que por razões da sua vida tem outras opções e um grupo muito restrito. Na zona de Leiria, o Carlos Carmindo também é um grande entusiasta, o atual técnico nacional de marcha, mas é um homem que >

## “SINTO-ME FELIZ QUANDO AJUDO GOSTO DE ME DAR BEM COM TODA A GENTE”



se dispersa por muitas coisas, porque também é técnico regional. Para que nós tenhamos uma escola de marcha, as pessoas têm de fazer como eu e o Murta, não podem fazer quase mais nada.

### **A medalha ganha pela Inês Henriques é a sua obra mais complexa? Porque começou desde logo na conversa para a vencer a marchar 50 km...**

É verdade. Mas, repare, eu há muitos anos que idealizava os 50 km marcha para as mulheres. Se calhar, não desta forma. Eu teria preferido, quando as mulheres faziam 10 km e os homens 20, que as mulheres não tivessem passado para 20 e tivessem uma prova de 30 ou 40 km. Não tinha que ser 20 e 50, como os homens. Mas passaram para 20 e nunca houve vontade de fazer uma prova mais longa. Quando houve, eu senti que era a oportunidade da Inês. Eu só tive de lhe dizer: “Tu tens aqui oportunidade de brilhar muito mais do que nos 20 km.” E ela não precisou de muito tempo para pensar. Chegou a casa e telefonou-me: “Está resolvido, pode contar comigo.”

### **O que é que se segue agora?**

Neste momento, o nosso sonho é que os 50 km marcha estejam em campeonatos da Europa, do Mundo e Jogos Olímpicos. Se assim for, nos próximos três anos, há uma atleta que, se não tiver lesões e nada de grave lhe acontecer, estará lá para discutir os primeiros lugares. É claramente uma das melhores do Mundo nesta distância. Para ter uma ideia do valor do resultado da Inês, ele equivale, na tabela da Federação Mundial, a um tempo de 1h26m nos 20 km, ou seja, daria para ganhar uma medalha em qualquer prova de 20 km, inclusivamente superior à marca da vencedora dos 20 km. Ela está a um nível muito alto e

ainda pode melhorar. Isto foi fruto de muitos anos, de muitos quilómetros, e eu tive de a refrear muitas vezes, porque a Inês é aquele tipo de atleta que muitas vezes precisamos de lhe dizer: “Basta, não podes ir mais longe, estás a treinar mais do que aquilo que eu te pedi.”

### **Os 50 km marcha femininos não são apenas um objetivo desportivo, são também uma luta pela igualdade de género. Como é que acompanha a posição da Inês Henriques para que a distância também possa ser incluída no programa do Campeonato da Europa?**

Dou-lhe toda a força, porque acho que é inteiramente justo. As mulheres têm direito a ter duas provas de marcha como os homens. Nós, em Portugal, vivemos uma década terrível, que foi termos quatro atletas, pelo menos, com condições para lutar pelos dez primeiros lugares, em Jogos Olímpicos, campeonatos do Mundo, da Europa, e uma tinha que ficar cá sempre. E nós tivemos anos em que as atletas, por força de erros da nossa Federação, andavam seis meses a matar-se umas às outras e quando chegavam à grande competição já estavam desgastadas. E eu dizia: “Não façam isso, nós estamos a dar cabo das atletas, tem de haver uma outra forma de seleção. Elas são quatro, três merecem lá estar. Façam isso num dia ou em dois. Não as obriguem a competir quatro, cinco, seis vezes em confronto direto.” Pagámos muito por isso. Agora, se nessa altura houvesse 50 km não teríamos quatro atletas a lutar pelos 20 km. Pelo menos uma delas, quando sentisse que iria ficar de fora, teria outra oportunidade. É isso que acontece com os homens.

### **Já teve convites que o fizeram pensar duas vezes, convites para se ir embora de Rio Maior?**

Nenhum convite me faz pensar duas vezes. Fui uma vez convidado pela Federação para ser técnico nacional de marcha e disse logo que não aceitava, porque o meu projeto é em Rio Maior, é aqui que eu quero fazer o meu trabalho, é aqui que eu quero formar campeões, enquanto puder dar o meu contributo.

### **Quem e quais são as suas referências?**

Olhe, faz-me voltar à infância. Eu ficava admirado quando havia uma festa lá na minha aldeia e iam lá grandes cantores, e os jovens da minha idade iam todos pedir autógrafos. Eu nunca pedi um autógrafo. Ficava admirado quando ia aos grandes campeonatos e os jovens pediam autógrafos aos grandes campeões. Nunca pedi um autógrafo. Sempre os admirei, mas as minhas referências não são eles, as minhas referências são o meu pai e a minha mãe, que criaram oito filhos com todas as dificuldades; são o padre da minha freguesia, onde eu reunia uma vez por semana numa organização que era a Juventude Agrária Católica, e que não era a mesma pessoa que estava na igreja ao domingo, a ralhar, mas que naquele dia olhava para nós como um irmão mais velho; são o barbeiro de S. João da Ribeira, que foi o meu primeiro treinador. Posso dizer-lhe que quando estava no serviço militar chegava a casa, pegava na bicicleta e ia visitá-lo, ele chorava e dizia: “Este



**“Sou dos poucos portugueses que não gosta da forma de estar do nosso Presidente da República. Acho que ele é um homem bom, mas não é aquilo que eu idealizo para um Presidente. Para mim, tudo o que seja ‘show off’ não conta, o que conta é o que vem de dentro”**

rapaz não me esqueceu.” As pessoas que viveram comigo e me deram exemplos de vida é que são as pessoas que eu admiro.

#### **Quem é o Jorge Miguel para além da marcha?**

Sou um homem que não tem inimigos, ou pelo menos eu não sou inimigo de ninguém. Quero dar-me bem com toda a gente. Há pessoas que não se querem dar comigo, mas eu dir-lhe-ei sempre “bom dia, boa tarde”. Sou um indivíduo que não se importa de parar na estrada para dar boleia; estou sempre disponível para ajudar e não me sinto bem quando as pessoas vêm reconhecer. Sinto-me feliz quando ajudo, gosto de me dar bem com toda a gente. Não tenho inveja de ninguém. Se o meu vizinho comprar um carro novo, fizer um “bruto” prédio e o fizer do seu trabalho, não tenho inveja. Não me importo de ter só a minha carrinha, porque sinto-me realizado naquilo que faço e não naquilo que tenho.

#### **Nunca se sentiu tentado a fazer outra coisa?**

Não, porque desde miúdo o meu sonho foi, primeiro, ser um grande atleta e depois, quando vi que não tinha

condições, nem apoio das pessoas para o ser, quis ser um grande treinador. Esse foi sempre o sonho da minha vida.

#### **Segue outras modalidades com interesse?**

Sigo. Fui um grande apaixonado do futebol, hoje não sou. Porque nunca gostei de ir atrás das multidões. Se for à praia e estiver cheia vou-me embora; se for ver televisão e me derem só futebol passo a detestar o futebol. Portanto, detesto que me façam lavagens ao cérebro.

#### **Então, não convive bem com a popularidade do futebol?**

Nem com a popularidade do futebol, nem de nenhuma pessoa. Olhe, vou confessar-lhe uma coisa: se calhar sou dos poucos portugueses que não gosta da forma de estar do nosso Presidente da República. Acho que ele é um homem bom, mas não é aquilo que eu idealizo para um presidente da República. Ou seja, para mim, tudo o que seja “show off” não conta, o que conta é o que vem de dentro. Eu quero fazer coisas sem a televisão estar lá atrás, quero fazer coisas por gosto de as fazer, porque sinto que as tenho de fazer, para o bem dos outros, se os puder ajudar. No futebol, gosto que ganhe o que jogou melhor, mas em miúdo era um fanático do Sporting. Deixei de ser.

#### **É fã de fado?**

Gosto de fado, não sou fã. Adorava a Amália. Quando era jovem, trabalhava na agricultura e quando pisávamos as uvas, de noite, cantávamos o fado. Na minha aldeia, Bogas de Cima, no Fundão, cantava à desgarrada e gostava de imitar o Alfredo Marceneiro.

#### **E de Fátima, faz o culto?**

Eu sou um crente, católico, vou à missa todos os domingos, a não ser que não possa. Tenho uma visão muito própria da religião. Há uma coisa que me marcou quando tinha 12 anos e comecei a pensar pela minha cabeça. Entrava na igreja de S. João da Ribeira e via uma frase que dizia assim: “A religião é uma vida que se vive e não uma teoria que se aprende.” Isso marcou-me para a vida. Vou a Fátima, quando lá estou emocionado-me, mas não vejo Fátima como um ideal de vida, aquilo é um momento para refletirmos sobre o que é que estamos aqui a fazer no Mundo. Nunca irei a Fátima a pé para pagar uma promessa, não faço promessas. Agora, vou a Fátima agradecer. Olhe, no domingo fui duas vezes à missa, porque à tarde fui exclusivamente para, junto com minha mulher, agradecer os 45 anos de casado. Quando a Inês ganhou a medalha, assim que pude fui agradecer a dádiva que tive.

#### **O que é que se segue na sua vida?**

Tenho 69 anos e enquanto puder continuarei a dar tudo ao atletismo e aos atletas. Estou a procurar quem possa acompanhar-me para um dia em que não esteja haja alguém a dar o treino. Gostaria que essa pessoa, pelo menos em parte, partilhasse das minhas ideias. Se não partilhar não o convido. Há coisas que para mim são sagradas: eu seria incapaz de me sentir feliz se um atleta meu ganhasse uma medalha com doping. ●



PyeongChang 2018



JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO  
PYEONGCHANG 2018

# A GRANDE FESTA VAI COMEÇAR!





O DIA 9 DE FEVEREIRO DE 2018 marca o arranque dos Jogos Olímpicos de Inverno PyeongChang 2018. Na cidade sul-coreana irão participar atletas de 84 países, repartidos por 102 eventos, nas seguintes modalidades: Hóquei no Gelo, Esqui Alpino, Biatlo, Bobsleigh, Esqui Cross Country, Curling, Patinagem Artística, Esqui Freestyle, Luge, Combinado Nórdico, Patinagem de Velocidade em Pista Curta, Skeleton, Saltos de Esqui, Snowboard e Patinagem de Velocidade.

O apuramento dos atletas ainda não está totalmente fechado, pelo que só no início de 2018 se saberá em definitivo qual a composição da Missão Portuguesa.

Arthur Hanse e Ke Quyen Lam são, até ao final do mês de dezembro, os únicos atletas portugueses garantidos na Coreia do Sul, no Esqui Alpino e no Esqui Cross Country. Hanse repetirá presença nuns Jogos Olímpicos de Inverno.

Quem também vai repetir a presença na maior prova de Desportos de Inverno do Mundo é Pedro Farromba. O Chefe da Missão Portuguesa considera que “o apuramento dos atletas devia ficar fechado mais cedo. Parece estranho terminar a qualificação antes do período de Inverno, mas torna-se muito difícil planear com tão pouco tempo, até ao início da competição”.

O Comité Olímpico Internacional (COI) terminou a mais recente revisão do projeto em PyeongChang e expressou confiança na experiência memorável que irá proporcionar a atletas, treinadores, oficiais e público.

Como disse Gunilla Lindberg, presidente da Comissão de Coordenação do COI, “os locais de prova estão terminados, as aldeias olímpicas estão em fase de conclusão, o percurso da tocha olímpica é inspirador. A moda dos Jogos em toda a República da Coreia está em alta. Os preparativos estão em andamento pelo que será um evento memorável para todos”.

Os bilhetes para os jogos darão aos atletas acesso não só aos principais locais de competição – onde os melhores atletas de desportos de inverno do mundo competem na neve ou no gelo –, mas também ao Parque Olímpico e à Praça, que oferecerá muitas atividades e exposições culturais.

O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de 2018 em PyeongChang (POCOG) trabalha para garantir que os espectadores tenham acesso a informações de transporte e acomodação atualizadas para facilitar as deslocações aos Jogos, com bilhetes de autocarro gratuitos.

### Percurso da tocha inspira sul-coreanos

O percurso da tocha olímpica continua a inspirar todos e a garantir também o entusiasmo pelos Jogos. Já houve mais de 20 cidades sul-coreanas visitadas desde que a tocha chegou ao país.

Com a conclusão das instalações garantida dentro dos prazos, o POCOG está focado em testes de prontidão operacional e ajustes finais para assegurar que os atletas compitam nas melhores áreas de competição possíveis.



Pedro Farromba  
Chefe da Missão Portuguesa



“Estamos prontos para receber o mundo”, disse o presidente da POCOG, Lee Hee-Beom. “As reuniões organizadas com o COI por ocasião da revisão do projeto foram muito positivas e produtivas. As próximas semanas, não só estarão ocupadas, mas serão também emocionantes na finalização dos preparativos”.

E conclui: “A neve está a começar a cair em PyeongChang. Estamos a fazer o nosso melhor para criar entusiasmo e paixão em todo o país e incentivar todos a compartilhar connosco este ótimo festival de desportos de inverno. Será a mais maravilhosa montra de desporto e cultura que a República da Coreia já conheceu. Convidamos todos a juntarem-se a nós em PyeongChang”.

### Recordar Sochi e trabalhar para Pyeongchang

No que diz respeito à participação portuguesa, Pedro Farromba considera que a experiência dos Jogos de Sochi em 2014 foi muito positiva para preparar PyeongChang de uma forma mais profissional: “Em Sochi voltámos a ter mais do que um atleta e, pela primeira vez, tivemos uma Missão organizada de forma mais cuidada. Agora, para os Jogos na Coreia do Sul nunca tivemos tantos atletas com possibilidade de apuramento e isso é fruto do trabalho conjunto que temos desenvolvido, mesmo que no final não garantam a qualificação”.

O Chefe de Missão aos Jogos Olímpicos de Inverno PyeongChang 2018 considera que a participação portuguesa na Coreia do Sul poderá contribuir ainda mais para desenvolver os desportos de Inverno no país e captar novos praticantes para Portugal.

Os Jogos Olímpicos de Inverno PyeongChang 2018 realizam-se entre os dias 9 e 25 de fevereiro de 2018. ●

FRANCISCO BELO é um jovem com 26 anos, mas sabe exatamente o que pretende para o futuro e por onde vai para alcançar os objetivos.

É lançador do peso e do disco e trabalha diariamente para garantir uma presença nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, que, a acontecer, será a sua estreia na maior prova do desporto mundial. O lançador português está integrado no Programa de Preparação Olímpica por via dos resultados no peso.

Nesta disciplina trouxe para Portugal o ouro das Universíadas, em Taipé. Garantiu 20,86m e melhorou a sua marca pessoal. No que diz respeito ao lançamento do disco é detentor do recorde nacional com 62,01m.

Admite que, mesmo com grandes resultados “nada é um dado adquirido. Se acontecerem lesões, se tivermos dias menos felizes nas grandes provas o trabalho de muitos anos pode ficar condicionado em poucos minutos”.

Mas não se pense que Francisco Belo fica por aqui. Para além do atletismo, tem como prioridade terminar o curso de medicina com a defesa da tese de Mestrado na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Depois irá pensar na especialidade: “A medicina é sem dúvida um dos meus grandes objetivos de vida. Claro que o atletismo também é, mas num prazo mais curto. Atualmente ainda aposto muito no atletismo, mas, depois do alto rendimento sei que a minha vida vai passar pela carreira médica e, por isso, não vou largar o investimento nos estudos”.

Objetivos bem definidos e a máxima de que “é sempre muito importante investir nos estudos, porque será sempre um suporte para a vida”, são o guião da história de vida de Francisco. Admite que por vezes não é fácil conciliar estudos e desporto ao mais alto nível, mas a palavra desistir não faz

parte seu vocabulário, mesmo que tenha pensado em alguns momentos em deixar uma das paixões para trás.

### No desporto por questões de saúde

O que é certo é que a vida de Francisco Belo está centrada nestes dois grandes amores – o desporto e os estudos. No entanto, o primeiro só aconteceu na adolescência. Em criança o atleta nem queria ouvir falar de atividade física.

Com um sorriso nos lábios, o lançador português conta porque começou a praticar atletismo: “Com 14 anos tinha 1,91m e 120 Kg. Tinha muita gordura, não era massa muscular”. Nessa altura a preocupação da família com o sedentarismo de Francisco Belo e a indicação de um amigo levou-o a experimentar os lançamentos “porque tinha as mãos muito grandes”. Também praticou outras disciplinas da modalidade, mas ficou-se pelo peso e pelo disco.

Não quer falar em planos a curto e médio prazo, mas antes em objetivos ou metas.

Francisco Belo admite também que gosta de viver um dia de cada vez porque “quando temos muita coisa para fazer, devemos compartimentar tudo o que temos em mãos. Meter tudo em ‘caixinhas’ para fazer as coisas bem. Se temos de treinar, só pensamos em treinar. Se vamos para casa e temos de fazer comida, fazemos comida. Se temos de lavar a roupa, é na roupa que nos devemos concentrar. E na altura do estudo é só para estudar. Temos de ter um pensamento muito estruturado para não misturarmos tudo e termos sucesso em cada coisa que fazemos”.

O foco por esta altura está na defesa da tese de Mestrado. Depois da tarefa resolvida, é escolher a especialidade... e continuar a treinar com Tóquio no horizonte. ●

# FRANCISCO BELO

## “Todos devem investir na formação académica!”

Passou os primeiros anos de vida em Castelo Branco e foi lá que começou a praticar atletismo. Agora passa os dias em Lisboa, onde vive, treina e estuda





É considerado um dos melhores jogadores portugueses de Andebol da sua geração. Ricardo Andorinho fez parte do percurso desportivo no Sporting Clube de Portugal, mas foi em Évora que começou a dar nas vistas para a modalidade. Nasceu na cidade alentejana e fez toda a formação na equipa do Évora Andebol Clube (EAC), dos infantis aos juniores

## RICARDO ANDORINHO

“O meu ADN está muito ligado à alta competição”

O PONTA ESQUERDA MUDOU-SE PARA ALVALADE COM 17 ANOS e foi no Sporting que permaneceu entre 1994 e 2004, no escalão sénior. Pelos leões venceu um campeonato nacional em 2001, quatro taças de Portugal em 1998, 2001, 2003 e 2004 e duas Supertaças em 1998 e 2002. Em 2004 deixou o Sporting por via de uma reestruturação orçamental e mudou-se para o San Antonio, de Espanha, onde jogou até 2008.

Representou a seleção nacional por 155 vezes. Ao serviço de Portugal marcou 528 golos. Em jogos por Portugal foi vice-campeão europeu de cadetes em 1994, medalha de bronze no Mundial Sub-20 em 1995 e 7.º no Europeu de 2000.

Devido a uma grave lesão, aos 31 anos abandonou a carreira. Mas Ricardo Andorinho não é homem para desistir. Investiu na carreira profissional na área de formação académica – finanças. As suas competências levaram-no a passar por várias instituições como a MBUintelligence ou a APDSI.

Atualmente, com 41 anos, é vice-presidente da Federação de Andebol de Portugal com uma responsabilidade bi-partida: por um lado lidera a reestruturação financeira dentro da federação, onde pretende criar um modelo de controlo de gestão que se torne mais eficaz, com uma maior monitorização dos processos e melhor capacidade de avaliação financeira da instituição; por outro lado gere toda a infraestrutura tecnológica (sistemas de informação) da instituição. “Tudo o que é da área das tecnologias é da minha responsabilidade – a Andebol TV, o Site, a Multimédia,

o ‘vídeo observer’ ou o gestor de competições”, diz.

Ainda treina andebol, mas não pode jogar por causa das funções que exerce na Federação: “Treino apenas para matar o vício”. Mas dedicou-se ao Padel, com mais intensidade. Já ganhou os principais torneios de nível 3 e 2 e vai começar a competir no nível 1 (o melhor nível da modalidade). Por isso, Ricardo Andorinho lança um desafio a quem quiser aceitar: “Já estou preparado para competir com os melhores jogadores portugueses” (risos).

Os projetos que tem para o futuro são muitos. Ricardo Andorinho não quer parar por aqui. Olha para o passado e para a carreira desportiva e não faz comparações com a atividade profissional presente, mas admite: “Transfiro muito do que aprendi no desporto para a minha atividade profissional. No entanto, são atividades que não se podem comparar. O meu ADN está muito ligado à alta competição, com as equipas onde competi”.

Com o tempo todo ocupado ainda surgiu uma pequena janela para a publicação de um livro: “Awaken your Genius” – uma espécie de conversa entre o autor e os leitores. Porque, para Ricardo Andorinho, o fundamental é tentar garantir as condições necessárias para que os eventos tenham sucesso, sejam eles quais forem: “Todas as empresas pagavam bom dinheiro para conseguirem ver a sua empresa ter uma boa performance. Terem um botão que ligavam e pudessem ver o jogo da empresa, como se fosse um jogo de futebol – no fundo, ter uma série de variáveis complexas para analisar no momento. É isto que defendo na minha atividade, como em todas”, conclui. ●

O MOTIVO É MAIS DOS QUE JUSTIFICADO – O LISBOA GINÁSIO CLUBE (LGC) faz 100 anos e as comemorações do centenário deste Clube Olímpico pretendem trazer à memória dos mais velhos, bem como mostrar aos mais novos, a riqueza da história e das estórias da instituição.

O dia de comemoração do aniversário será a 4 de novembro de 2018, com a realização do Jantar de Gala. Esse evento marcará também o encerramento das comemorações que terão início já a partir de fevereiro do ano que vem.

Os atuais membros dos Corpos Sociais planeiam levar os Clube até às escolas, como forma de incentivar ainda mais a prática desportiva e o contacto com a instituição, mas também realizar um Sarau Cultural (para dar a conhecer os dotes artísticos dos associados e praticantes do LGC), o Sarau do Centenário e o Encontro de Gerações, onde se convidarão antigos associados, atletas, professores para que partilhem histórias com “Tempo para Contar Memórias”

Júlia Rocha é diretora do Lisboa Ginásio. Está ligada ao clube há mais de 60 anos. Nas duas últimas décadas dedica-se com todo o empenho às funções dirigentes e admite que parte da sua história de vida se confunde

com a própria história da Instituição, que se orgulha de representar: “Nos meus tempos de juventude as crianças não tinham tanta ocupação escolar e era de muito bom tom trazer os meninos e as meninas ao Clube para fazerem ginástica. Por isso, o Clube vivia muito das famílias. E tínhamos uma característica na época – havia um ginásio grande onde se praticavam quase todas as atividades. Hoje dizemos que não temos espaço, mas naquela altura havia espaço para tudo...” (risos).

### Ginástica é a modalidade rainha

Pelo Lisboa Ginásio Clube já passaram atletas de várias modalidades, entre as quais o Futebol, o Boxe, o Hipismo, o Pentatlo Moderno e a Vela. Mas o grande destaque sempre foi dado à Ginástica.

Atualmente é nesta modalidade que o Clube assenta as suas atividades. Conta com cerca de 1000 atletas e dedica-se à formação, manutenção e alto rendimento: “Antigamente faziam-se filas para as pessoas se inscreverem e entrarem numa classe no Lisboa Ginásio. Agora a realidade é muito diferente. Temos dificuldade em conseguir captar as pessoas para estas atividades. A prática da Ginástica de alto rendimento é das mais



## LISBOA GINÁSIO CLUBE

# 100 Anos a pensar

O ano de 2018 será de festa



Jorge Marcelo preside ao LGC



Júlia Rocha, diretora do clube

# no futuro

complexas e exigentes que existem. Um atleta de alto rendimento na Ginástica tem de fazer um esforço quase sobre-humano. Conseguirmos ter atletas que chegam aos Jogos Olímpicos é quase um milagre”, confessou Jorge Marcelo, Presidente do Lisboa Ginásio Clube.

O Clube vive das inscrições dos atletas, das quotas pagas pelos associados e de alguns apoios esporádicos. Os responsáveis do Lisboa Ginásio não se queixam desta situação. Apenas gostariam de poder promover mais ações de divulgação do clube e das atividades gímnicas que desenvolvem.

## Presenças em 9 edições de jogos olímpicos

O Lisboa Ginásio Clube tem no seu histórico presenças em 9 edições de Jogos Olímpicos. De 1952 em Helsínquia, até 2016, no Rio de Janeiro. As ginastas Esbela da Fonseca (1960, 1964 e 1968) e Ana Rente (2008, 2012 e 2016) são as atletas do Clube que mais vezes representaram Portugal em Jogos Olímpicos, com três presenças cada.

Do total de presenças olímpicas, apenas Manuel Barroso (Pentatlo Moderno – Jogos Olímpicos de Atlanta - 1996) foi o atleta que não fez parte do grupo da ginástica.

Mas a estreia em Missões portuguesas data de 1952 – uma equipa masculina de Ginástica Artística, integrada por 4 ginastas do LGC (Joaquim Granger, Manuel Prazeres, Manuel Robalo Gouveia e Raul Caldeira) embarcou para a Finlândia, numa aventura que ainda hoje é recordada com sorrisos.

“Lembro-me de ouvir contar a história dos primeiros olímpicos do Lisboa Ginásio. Eram cinco ginastas – quatro do LGC e um do Porto. Faziam uma equipa. Eles foram de barco, no ‘Carvalho Araújo’, para a Finlândia. E iam a treinar durante a viagem. Tinham os aparelhos montados no convés do navio e era aí que eles se preparavam para os Jogos”, conta Júlia Rocha.

Atualmente ainda há alguns atletas do alto rendimento que iniciaram a prática desportiva no Lisboa Ginásio Clube. Começaram nas classes gímnicas com três anos e desenvolveram o seu percurso desportivo sempre no clube. Mas, como refere Jorge Marcelo, “esses atletas já são poucos. E ainda assim, o Lisboa Ginásio será um dos maiores fornecedores de ginastas para os Jogos Olímpicos. Se nós temos esta dificuldade, imagino que o retrato não será muito diferente por todo o país”. ●

# FERNANDO MAMEDE

## “O MEU PRIMEIRO GRANDE ADVERSÁRIO FUI EU PRÓPRIO”

Passou à história do atletismo como recordista mundial dos 10.000 metros. Aos 66 anos fala sem complexos das oportunidades perdidas em finais de grandes competições

### **Começou por jogar futebol, em Beja, mas mudou-se para o atletismo. Como é que isso aconteceu?**

O futebol é sempre a paixão dos miúdos e eu não fugi à regra. Por volta de 1964, houve uma prova distrital de corta-mato e o professor de Educação Física tinha duas pessoas, a escolha acabou por recair em mim. Eu fui a Moura e venci. Começou aí o gosto pelo atletismo e nessa altura já eu tinha uma referência muito grande, que era o Manuel de Oliveira, 4.º classificado nos Jogos Olímpicos

### **Aos 18 anos mudou-se para Lisboa?**

Aos 17, ainda. Foi em abril de 1969. Antes disso, o meu pai teve um grave problema, uma trombose cerebral, e ele era o único ganha-pão para a família, porque a minha mãe era doméstica. O meu pai era alfaiate, mas deixou de ganhar e, apesar de termos uma casa e alugarmos um quarto, tinha de entrar mais dinheiro. A minha mãe não me queria deixar vir para Lisboa, nem pensar nisso. O meu pai não se importava, a minha mãe não queria, mas eu vim para o Sporting.

### **Já veio ganhar dinheiro para ajudar a família?**

Exato. Vim para a contabilidade do Sporting Clube de Portugal na antiga sede, na Rua do Passadiço, comecei a ganhar e também comecei a ganhar um pequeno subsídio como atleta. Tudo junto dava uns dinheirinhos e eu tinha possibilidade de ajudar a família.

### **Foi um atleta de todas as distâncias, com recordes em todas as distâncias?...**

É verdade. Eu gostava de fazer os 1.000 metros e quando fui para o Sporting pensei: “Bem, vou fazer fundo.” Mas, na minha idade, o que era o fundo... os 800 metros ou os 1.500 metros. Mas o Prof. Moniz Pereira meteu-me a fazer 400 e 800 metros. Com os treinos específicos dele adaptei-me bem e cheguei a ser um dos melhores corredores de 400m. E ainda com idade júnior bati o recorde nacional absoluto dos 800m. Foi um objetivo cumprido, um ano e meio depois de ter chegado ao Sporting.

### **Participou em três Jogos Olímpicos – Munique 1972, Montreal 1976 e Los Angeles 1984. Que recordações guarda?**

Muito boas. Ir aos Jogos Olímpicos em 1972 foi um êxito. Ir aos Jogos Olímpicos é um marco histórico, mas

naquela altura ainda mais. Iam poucos atletas, só mesmo os de elite. Eu consegui os mínimos e participei nos 800, 1.500, mas também nos 4x400m. Porque havia três que faziam 400 metros e havia um que dava um jeito, que era eu. Nós fizemos a estafeta, mesmo sem mínimos. Chegámos lá, fizemos a marca e batemos o recorde nacional.

### **Depois de Munique, vieram Montreal e Los Angeles...**

Montreal já foi encarado de outra maneira. O Prof. Moniz Pereira era um homem de ideias, sempre para a frente. Ele via como é que os atletas de eleição de outros países treinavam e propôs ao Governo que só fossemos ao emprego à tarde, para podermos treinar de manhã. Começámos a fazer treinos bidiários e o crescimento foi fora do comum. Passámos de fazer 15/16 quilómetros por dia para o dobro, de segunda a sábado. Ao domingo, quando não havia provas, descansávamos. E isto deu-nos um acréscimo muito grande, em apenas seis meses. Não aconteceu comigo, mas o Carlos Lopes conseguiu ser campeão mundial de crosse, em 1976. Chegámos aos Jogos Olímpicos e em vez de sermos os tristes que eram eliminados à primeira tivemos uma participação bastante honrosa. O Lopes foi 2.º nos 10.000m, o Aniceto Simões foi 7º ou 8º nos 5000, o Carvalho foi 5.º nos 400m barreiras, eu e o Hélder Jesus não ficámos nas eliminatórias dos 1.500m e fomos às meias-finais.

### **Aos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles, chega já com outro estatuto.**

Completamente. Tinha o estatuto de recordista do Mundo, um estatuto muito forte, julgo que até forte demais. Havia uma obrigação muito grande, a obrigação de ganhar. Tinha batido o recorde mundial em 2 de julho de 1984 e ia correr a meio de agosto nos Jogos Olímpicos. Todo o povo português estava à espera que o Fernando Mamede fosse ganhar uma medalha de ouro. Seria a primeira medalha de ouro a vir para Portugal. Mas eu já tinha outros dias complicados a respeito de medalhas. O que me deu em Los Angeles já me tinha dado no Campeonato da Europa, em Praga, nos 5.000m, em que era um dos favoritos e só fui 12.º. Depois deu-me em 1983, no Campeonato do Mundo, em Helsínquia, em que também era favorito, com o italiano Alberto Cova, e não passei do 14.º lugar ou coisa parecida. Em Los Angeles foi o pior de todos, porque não terminei.



Fernando Mamede com a mascote dos Jogos de Munique e no dia do recorde mundial, em Estocolmo

O sistema nervoso não aguentou as responsabilidades que eu tinha, de trazer uma medalha e ser o melhor.

**Em 1984, bateu o recorde mundial dos 10.000 metros, com 27.13,81. Foi a corrida perfeita, num grande duelo com Carlos Lopes, em Estocolmo?**

Foi uma corrida perfeita, apesar de estar aflito. Mas eu recompus-me. As pessoas diziam que eu me inferiorizava quando corria com o Lopes. Mentira. Pelo contrário. Umas vezes ganhava ele, outras vezes ganhava eu. Em pista ganhei mais vezes, não tem comparação. Perdi uma vez uma corrida de 10.000m, em Oslo, é a única de que me lembro. Desde que comecei a fazer 5.000 e 10.000m ganhei-lhe sempre, perdi essa corrida, que ele ganhou bem. A corrida do recorde foi normal, com lebres, até aos 5.000m, em 13.45, mas o recorde estava em aberto. Houve uma ajuda do Nenow, o americano, que foi para a frente. Depois veio o Lopes, que tinha de fazer o papel dele. Ele era uma locomotiva humana, ou seja, para ganhar tinha de rebentar com os adversários. E para isso punha-se na frente, num ritmo fortíssimo. Aos 7.500m, o Lopes foi para a frente, galgando terreno. A menos de 1.000m tinha 30 de avanço. E aí eu já não me importava, já não queria saber do tempo, nem sabia se ia para recorde. O Prof. Moniz é que dava as indicações. Ele estava nos últimos 200m, onde tinha “montado o escritório”, com mais alguns atletas, entre eles a Rosa Mota e o Humberto Sequeira. Quando faltavam 1.000m, consegui puxar por mim e digo assim: “Tenho de apanhar o Lopes, tenho de chegar ao pé dele.” A 600m do fim já tinha conseguido. E ganhei forças, porque sabia que era mais forte na ponta final. Naquela altura eu era o homem mais rápido do Mundo nos últimos 400m. A vivência que tive nas provas de 400m foi fundamental e eu atacava sem medo, ao contrário dos outros atletas, que normalmente esperavam pelos últimos 150m. E quando cheguei ao pé dele vi que tinha a faca e o queijo na mão, ia ganhar a corrida. O tempo veio depois. No final é que vi os 27.13, que eram recorde mundial.

**No ano do recorde participou nos Jogos de Los Angeles 1984, mas acabou por abandonar a final olímpica. Era um atleta mais de recordes do que de medalhas?**

Sim, eu entendia-me mais a correr sozinho. Apesar de ter a tal ponta final, que me permitia ganhar, enervava-me com muita gente no pelotão. Nos 5.000m, a minha melhor marca, de 15.08, foi feita em Tóquio, a correr sozinho. Eram só japoneses e fui para a frente, acabou. Fiz logo os primeiros 1.000 metros em 2.33 ou 2.34, para eles tremarem todos, e depois não parei mais.

**Quais foram os seus grandes adversários?**

O meu primeiro grande adversário fui eu próprio. Depois, era o Lopes, sem dúvida, um atleta de grande nível, de nível mundial, que encarava as corridas de uma forma muito positiva. Ia de cabeça erguida e não se deixava intimidar. Era um adversário temível. Depois havia outro que discutia comigo, o Alberto Cova. Não fazia nada de nada na frente da corrida, ia sempre atrás, e depois tinha uma ponta final de se lhe tirar o chapéu.

**Fernando Mamede, a sua vida dava um filme?**

Dava, eu acho que sim, porque eu todos os anos bati um recorde nacional ou dois – dos 400m aos 10.000, tirando os 3.000m obstáculos, que nunca fiz. Lá está, o recordista, dava um filme. E depois os problemas das medalhas, o grande problema de entrar na pista em Los Angeles, empurrado pelo Prof. Moniz Pereira, porque não queria entrar. Dava um filme, dava, era capaz de ser giro e útil para esta geração, já que ela tem outras armas que eu não tive, principalmente a nível psicológico. Se um atleta tiver uma fase menos boa tem apoios para dar a volta por cima. Naquela altura não havia ninguém. Havia o Sidónio Serpa, na Motricidade Humana, que tinha um mestre, o Paula Brito, que ainda me deu a mão, mas já era tarde, já foi depois dos Jogos Olímpicos. Teria que ter sido antes para que os medos e as incertezas não pairassem na minha cabeça. ●



SUSANA FEITOR

Participação foi muito sofrida, porque fiz uma lesão grave quando já lá estava

EM BARCELONA 1992 andava em estado de fascínio permanente e os “flashes” que tenho são à volta da Aldeia Olímpica e dos colegas da Missão. Na altura, estavam a dar-se os primeiros passos na internet e nós já comunicávamos por computador, através da intranet. O acesso à comunicação não era tão democratizado como hoje, mas recordo como foi conhecer os atletas de outros países. O Muro de Berlim tinha caído recentemente e nós vivíamos em euforia cultural, falávamos da cultura soviética, do mundo árabe... e eu questionava como eram possíveis as notícias sobre conflitos, guerras. Afinal, o sonho de um mundo em paz era possível.

Os Jogos de Atlanta 1996 foram encarados de maneira diferente. Já houve stresse pela expectativa do resultado. Eu vinha de campeonatos da Europa e do Mundo, de juniores, com medalhas ganhas, e queria fazer o mesmo nos seniores, nos Europeus, nos Mundiais e consequentemente nos Jogos Olímpicos. Houve um grande peso de responsabilidade. Recordo a sensação de querer um resultado no top ten, depois de ter sido 11<sup>a</sup> no Campeonato do Mundo. Fui 13<sup>a</sup>.

Para Sydney 2000 fiz tudo muito objetivo e certinho. Tinha tudo orientado para o resultado desportivo.

A minha participação foi muito sofrida, porque fiz uma lesão grave quando já estava lá. As expectativas eram elevadas e legítimas, porque tinha sido 4<sup>a</sup> no Mundial, no ano anterior. Queria um top 5, um lugar de finalista ou mesmo de medalhada. A espanhola Maria Vasco, com quem ganhava e perdia, ganhou uma medalha; e a norueguesa Kjersti Plaetzer, com quem ganhava e perdia, também ganhou uma medalha. Sydney teve uma parte emotiva muito forte, mas também foi uma desilusão na competição.

Em Atlanta, lembro-me que não vivi diretamente as emoções das medalhas da Fernanda Ribeiro e do Hugo Rocha e do Nuno Barreto, mas em Sydney isso já aconteceu com o Nuno Delgado e com a Fernanda. Estávamos longe e apoiámo-nos muito uns aos outros, na Aldeia Olímpica. Foi muito bom. Lembro-me que para Barcelona a Câmara Municipal de Rio Maior organizou uma excursão, com o presidente e muitos amigos, para irem ver a minha prova, e regressaram logo a seguir. Ainda por cima, fui desclassificada. Para Sydney, a Câmara foi convidada pelo COP e o presidente dirigiu um convite à minha mãe. Foi muito giro e emotivo. Teria sido espetacular se tivesse corrido normalmente, sem a lesão, com a



## EXPECTATIVAS EM SYDNEY ERAM ELEVADAS

minha mãe lá tão longe.

Atenas 2004 não foi muito diferente em relação ao restante, mas em termos desportivos foram os Jogos mais fracos. Acabaram por ser significativos depois. O mau resultado (20<sup>a</sup>) refletiu a época em que estive doente. Após Atenas ponderei abandonar o atletismo, mas continuei durante muito mais tempo, porque a convicção foi forte. O melhor de tudo foi a Missão e as amizades que ficaram para sempre.

Chegamos a Pequim 2008 e foi o espetáculo, a grandiosidade. Mais uma vez não estive bem e colapsei. Foi horrroso não ter chegado ao fim. Foi a Aldeia Olímpica mais espetacular em que estive, superou as expectativas. Fomos bem acompanhados pelo pessoal da Missão, mas o resultado desportivo foi uma desilusão. Eu não queria despedir-me assim. Aos 12 quilómetros de prova, estava deitada no chão, à chuva. Não queria ficar com aquela memória.

E continuei a competir, chegando mesmo a ir aos meus sextos Jogos Olímpicos, em Londres 2012, mas já como suplente. ●



Juíza Desembargadora exerce funções no Tribunal Central Administrativo Sul e no Tribunal Arbitral do Desporto, embora com funções muito distintas quanto à sua natureza. Também integra a Comissão Mulheres e Desporto, no COP

## ANA CELESTE CARVALHO “COINCIDÊNCIAS DA VIDA CRUZAM-SE COM A PAIXÃO”



### Como é que uma jurista, não desportista, aparece no universo do Desporto?

A minha relação com o desporto começou há mais de vinte anos, em 1993, participei na sessão anual para jovens da Academia Olímpica de Portugal (AOP). Fui Bolseira do COP na sessão anual de jovens na Academia Olímpica Internacional, na Grécia, em 1995. Pouco tempo depois passei a integrar o Conselho Diretivo da AOP, primeiro como Vogal, no período entre 1997/2000 e depois, entre 2001/2003, como Tesoureira. Desde o ingresso na magistratura, em 2003, não tive qualquer contacto com o desporto, mas em 2010 voltei a aproximar-me, ao colaborar na organização de um curso de especialização em Direito do Desporto. A partir daí, consegui aliar a minha formação e carreira profissionais ao desporto, numa parceria senão inédita, pelo menos original. Fui convidada a ser Embaixadora para a Ética no Desporto, no quadriénio 2012-2016 e ainda a integrar o Grupo de Trabalho encarregue da revisão do Regime Jurídico das Federações Desportivas, para além de acompanhar o processo legislativo da Lei de criação do Tribunal Arbitral do Desporto (TAD). Considerando a minha qualidade de membro da Rede Europeia de Formação Judiciária, fui a coordenadora do Seminário sobre Direito do Desporto, que se realizou em Lisboa, em 2016, com a presença de Juízes e Magistrados do Ministério Público de mais de 20 Estados membros da União Europeia. Por isso, desde 2010 que tenho conseguido aliar as duas áreas da minha maior intervenção, a do direito e da justiça, com a do desporto, promovendo a expansão do Direito do Desporto e as condições de acesso à justiça desportiva.

### Este percurso de mais de 20 anos está a intensificar-se. É apenas uma coincidência ou também uma “paixão” que vai crescendo pelo fenómeno desportivo?

Diria que é um misto de ambos, pois há coisas que não programamos, nem conseguimos explicar, porque a vida vai permitindo que aconteçam, mas que tem como aliada a enorme paixão pelo que fazemos, de modo que as coincidências da vida cruzam-se com a paixão. É verdade que

quando há uns anos, por razões profissionais, tive de deixar as funções na AOP, não poderia imaginar como o direito e a justiça administrativa se iriam entrecruzar com o desporto, podendo aliar estas duas áreas tão distantes entre si, nem como as minhas funções de Juíza Administrativa me iriam ajudar na compreensão das opções de política-legislativa em torno da criação do TAD.

### Que diferenças encontra no trabalho que realiza enquanto juíza desembargadora no Tribunal Central Administrativo Sul e no Tribunal Arbitral do Desporto?

Como Juíza Administrativa num tribunal de segunda instância, exerço o poder jurisdicional em relação aos processos de cujas decisões judiciais foi interposto recurso, dizendo o direito para o caso concreto, em termos que são vinculativos e obrigatórios para as partes e, em muitos casos, julgando em última instância, por ser excepcional o recurso para o Supremo Tribunal Administrativo. No TAD não exerço funções jurisdicionais, pelo que não julgo qualquer processo arbitral, não resolvendo os litígios jus-desportivos. Integro o Conselho de Arbitragem Desportiva que consiste num órgão que tem como principal competência o acompanhamento da atividade e do funcionamento do TAD, em ordem à preservação da sua independência e garantia de eficiência, podendo formular sugestões de alteração legislativa ou regulamentar que entenda convenientes, além de estabelecer a lista de árbitros, entre outras competências.

### Sente que os atletas e agentes desportivos conhecem a legislação?

De uma forma geral, a legislação é desconhecida, não só pelos desportistas, mas pelos cidadãos em geral. As associações desportivas, aqui incluindo as federações desportivas devem assumir um papel ativo na divulgação da principal legislação, promovendo ações de divulgação, que promovam as melhores práticas, relevando a legislação em domínios tão diferentes, mas incluindo os da ética desportiva, que abrangem a violência, o doping ou o racismo, mas também a inclusão social e a promoção do desporto feminino, que incentive a prática desportiva pelas mulheres. ●

## JANEIRO

- 11 a 13** CORFEBOL  
Taça da Europa, Platja d'Aro, Espanha
- 12 a 28** ANDEBOL  
Campeonato da Europa (masculino), Croácia
- 15 a 28** TÊNIS  
Open da Austrália, Melbourne
- 16 a 21** CICLISMO  
Tour Down Under, Austrália
- 18 a 21** EQUESTRE  
Taça do Mundo, Leipzig, Alemanha
- 19 a 21** JUDO  
Grand Prix de Tunis, Tunísia
- 21 a 28** VELA  
Taça do Mundo, Miami, Estados Unidos
- 25 a 30** CICLISMO  
6 dias de Berlim, Alemanha
- 26 a 28** JUDO  
Grand Prix de Marraquexe, Marrocos
- 30 a 4** (Fevereiro) FUTSAL  
Campeonato da Europa (masculino), Ljubljana, Eslovénia



## FEVEREIRO

- 1 a 4** EQUESTRE  
Taça do Mundo, Bordéus, França
- 3 a 17** (Março) RÂGUEBI  
Torneio das 6 Nações
- 7 a 11** HÓQUEI EM CAMPO  
Taça do Mundo (indoor), Berlim, Alemanha
- 9 a 25** JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO  
Pyeongchang, Coreia do Sul
- 10 e 11** JUDO  
Grand Slam de Paris, França
- 10 e 11** TRIATLO  
Taça do Mundo, Cidade do Cabo, África do Sul
- 10 a 18** (Março) RÂGUEBI  
Taça Europeia das Nações (masculina)
- 13 a 18** CICLISMO  
Volta ao Oman
- 16 a 26** TIRO  
Campeonato da Europa 10m, Győr, Hungria
- 21 a 25** CICLISMO  
Tour de Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos

- 21 a 25** EQUESTRE  
Taça do Mundo, Gotemburgo, Suécia
- 22 a 25** TÊNIS DE MESA  
Taça do Mundo de equipas, Londres, Inglaterra
- 23 a 25** JUDO  
Grand Prix de Dusseldorf, Alemanha
- 28 a 4** (Março) CICLISMO  
Campeonato do Mundo de pista, Apeldoorn, Holanda



## MARÇO

- 2 a 3** TRIATLO  
World Series, Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos
- 2 a 4** ATLETISMO  
Campeonato do Mundo de pista coberta, Birmingham, Inglaterra
- 4 a 11** CICLISMO  
Paris-Nice, França
- 7 a 13** CICLISMO  
Tirreno-Adriático, Itália
- 9 a 18** JOGOS PARALÍMPICOS DE INVERNO  
Pyeongchang, Coreia do Sul
- 10 e 11** TRIATLO  
Taça do Mundo, Mooloolaba, Austrália
- 10 e 11** RÂGUEBI  
Vancouver Sevens, Canadá
- 17** CICLISMO  
Milão-San Remo, Itália
- 17 e 18** JUDO  
Grande Slam de Yekaterinburg, Rússia
- 19 a 25** CICLISMO  
Volta à Catalunha, Espanha
- 20 a 25** LUTA  
Campeonato da Europa, Rússia
- 22 a 25** EQUESTRE  
Taça do Mundo, Dortmund, Alemanha
- 23 a 1** (Abril) HALTEROFILISMO  
Campeonato da Europa, Turquia
- 24** ATLETISMO  
Campeonato do Mundo de meia-maratona, Valência, Espanha
- 24 e 25** TRIATLO  
Taça do Mundo, New Plymouth, Nova Zelândia
- 30 e 1** (Abril) JUDO  
Grand Prix de Tbilissi, Geórgia

Utiliza as **vantagens**  
**do Cartão COP**  
e **apoia os atletas** da tua  
Federação/Modalidade.

**PEDE JÁ O TEU CARTÃO ATRAVÉS  
DA TUA FEDERAÇÃO.**



[repsol.pt](http://repsol.pt)  
[comiteolimpicoportugal.pt](http://comiteolimpicoportugal.pt)



It's not only the athletes who give their all.

*Become the light*



The Worldwide Olympic Partners



Get involved at [olympicchannel.com/light](http://olympicchannel.com/light)